



**UNIVERSIDADE DE SINOP
CURSO DE PSICOLOGIA**

ANA ELIZA SILVA CAPANEMA

**PSICOLOGIA E LITERATURA NA TRANSIÇÃO DO AMOR IDEAL EM
UM RELACIONAMENTO TÓXICO**

**Sinop/MT
2020**

ANA ELIZA SILVA CAPANEMA

**PSICOLOGIA E LITERATURA NA TRANSIÇÃO DO AMOR IDEAL EM
UM RELACIONAMENTO TÓXICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Avaliadora do Departamento do Curso de Psicologia, do Centro Universitário de Sinop – UNIFASIPE, como requisito final para graduação no curso de Psicologia.

Orientadora Prof^ª Franciele Longhi

CRP: 18/01877

Graduada em psicologia pela UPF, 2007;

Especialista em Gestão de Pessoas pela FGV;

Pós-graduanda em Teoria Psicanalítica na Clínica Psicoterápica pelo Contemporâneo;

Mestranda em Educação de Adultos, UTAD.

ANA ELIZA SILVA CAPANEMA

**PSICOLOGIA E LITERATURA NA TRANSIÇÃO DO AMOR IDEAL EM
UM RELACIONAMENTO TÓXICO**

Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Avaliadora do Curso de Psicologia – UNIFASIPE, Centro Universitário de Sinop como requisito final para a graduação no curso de Psicologia.

Aprovado em: ____ / ____ / _____

Franciele Longhi
Professora Orientadora
Departamento de Psicologia – UNIFASIPE

Professor (a) Avaliador (a)
Departamento de Psicologia – UNIFASIPE

Professor (a) Avaliador (a)
Departamento de Psicologia - UNIFASIPE

Me. Alan Murilo da Silva
Coordenador do Curso de Psicologia
UNIFASIPE – Centro Universitário de Sinop

**Sinop/MT
2020**

DEDICATÓRIA

A todos os amores que passam por nossas vidas
e levam consigo um pedaço nosso.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que me presenteou com a dádiva da vida;
Ao meu pai Adilson, que não poupou esforços para que eu pudesse chegar até aqui;
A minha mãe Sonilda, que foi minha fortaleza e é minha maior inspiração;
A minha irmã Ana Clara, que sempre me incentivou a ser minha melhor versão;
A todos os amigos que fiz ao longo desta jornada;
A professora Marli, que através de sua delicadeza e sabedoria é capaz de transmitir leveza até mesmo ao enfrentarmos momentos turbulentos;
A professora Francile Longhi, orientadora deste trabalho e minha psicóloga, admirável fonte incessante de motivação e compreensão.

ΕΠÍΓΡΑΦΕ

CAPANEMA, Ana Eliza Silva. **Psicologia e Literatura na transição do amor ideal em um relacionamento tóxico**. 2020, p. Monografia de Conclusão de Curso – UNIFASIPE – Centro Universitário de Sinop.

RESUMO

O presente trabalho tem como intuito analisar o surgimento do amor e toda a sua contextualização, embasado principalmente nas teorias de Lacan, Freud e Melanie Klein, descreve o desenvolvimento da personalidade e como a infância influencia na maneira de amar do adulto, citando o mito do amor romântico e a busca constante por completude. Percorre toda a estruturação psíquica dos indivíduos e discorre a respeito das escolhas realizadas e a maneira como a idealização amorosa pode interferir na visão do parceiro, dificultando a identificação do relacionamento tóxico. Através da análise literária e das vertentes filosóficas, a psicanálise busca compreender a maneira como as pessoas contextualizam suas relações amorosas e os motivos pelos quais a imposição de limites e o desejo de romper vínculos afetivos podem causar tanto sofrimento, mesmo quando não há outra opção.

Palavras-chave: Psicanálise. Literatura. Amor. Relacionamento Tóxico.

ABSTRACT

The presente work aims to analyze the emergence of love and all its contextualization, based mainly on the theories of Lacan, Freud and Melanie Klein, describes the development of personality and how childhood influences the adult's way of loving, citing the myth of romantic love and the constant search for completeness. It goes through all the psychic structuring of individual and discusses the choices made and the way in which loving idealization can interfere with the partner's view, making it difficult to identify the toxic relationship. Through literary analysis and philosophical aspects, psychoanalysis seeks to understand the way people contextualize their love relationships and the reasons why the imposition of limits and the desire to break affective bonds can cause so much suffering, even when there is no other option.

Keywords: Psychoanalysis. Literature. Love. Toxic Relationship

Sumário

CAPÍTULO I	9
INTRODUÇÃO	9
1.1 Justificativa	10
1.2 Problematização	11
1.4 Objetivos	11
1.4.1 Objetivo Geral	11
1.4.2 Objetivos Específicos	11
CAPÍTULO II	12
REVISÃO DE LITERATURA	12
2.1 Sobre o amor e suas dimensões	12
2.1.1 A origem do amor	13
2.1.2 O amor de transferência e o “objeto a”	15
2.1.3 Amor Romântico.....	18
2.1.4 Desconstrução do amor ideal.....	20
2.2 Construção da personalidade e desenvolvimento emocional	21
2.2.1 Fase oral e o primeiro amor	24
2.2.2 Fase Anal	28
2.2.3 Fase Fálica	29
2.2.3.1 Complexo de Édipo	32
2.4 Relações amorosas	33
2.4.1 Amor Narcísico.....	35
2.5 A escolha do objeto amado	37
2.6 Relacionamento Tóxico	38
2.6.1 Ciclo Abusivo	43
2.7 A psicanálise e a literatura	44
CAPÍTULO III	46
METODOLOGIA	46
3.1 Tipo de Pesquisa	46
3.2 População Amostra	47
3.3 Coleta de Dados	48
3.4 Considerações Éticas	48
REFERÊNCIAS	49
APÊNDICES	54

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

Schiller, poeta e filósofo, foi citado por Freud a fim de destacar a importância do amor: “são a fome e o amor que movem o mundo” (1930/1996, p. 121) Sendo portanto de grande valia para a psicanálise, reafirmado por Lacan em “falar de amor, com efeito, não se faz outra coisa no discurso analítico” (1972-1973/2008, p. 89) Visto que é por conta das confusões provocadas pelos empasses amorosos da vida adulta, que grande maioria das pessoas procuram iniciar a análise, este é um tema cuja discussão perdura desde a antiguidade.

Dentre diversas ciências que buscam compreender o amor, a psicanálise atribui-se também de campo de pesquisa sobre o assunto. É um sentimento que tem sua importância em todas as épocas, é improvável não se ter uma ideia sobre seu significado, é o desejo por ser completo, resultado de uma condição da existência humana que, de acordo com Sloterdijk (2003) constitui o homem como um ser em esferas que busca sua outra metade, esta ânsia em encontrar um parceiro ideal que supra a todas as necessidades, trazendo soluções permanentes para os problemas, faz com que as pessoas se relacionem em busca de alguém para salvá-las de si mesmo.

Os sacrifícios pessoais realizados em nome do amor eram vistos como atos altruístas, para Pavani (2018) as relações matrimoniais tendiam a serem mantidas, independente dos desgastes e perigos encontrados nelas, todavia é possível entender que este amor idealizado acompanha a negação da realidade, sendo baseado em ilusão.

Roudinesco (1997) aponta que o amor, de acordo com Lacan, é narcísico, pois a pessoa procura no outro a sua própria imagem, sendo assim, nunca estará satisfeita, já que é impossível encontrar alguém exatamente igual.

Erich Fromm (1956) coloca o amor na posição de um grande enigma, já que para muitos não se trata apenas de amar, mas de como ser amado e se tornar amável, por isso relacionar-se não é apenas buscar a sua própria felicidade, mas em conjunto com a pessoa escolhida, entender que não se trata necessariamente de uma felicidade plena e contínua, mas de crescimento e amadurecimento, através da escolha diária de permanecer ao lado deste alguém, dedicando-se a fazê-lo feliz, encontrará a maior fonte de alegria, um auxilia o outro no processo, na arte de amar.

Os relacionamentos amorosos têm uma associação ao mito do amor romântico, onde acredita-se que as pessoas são capazes de proporcionarem apego, cuidado e uma relação sexual bem desenvolvida, e que será possível viver esse sentimento em tempo integral. As relações saudáveis ocorrem quando ambos dão o seu melhor ao parceiro, e sentem-se bem consigo mesmas e com tudo ao seu entorno como amigos e família, enquanto nas relações tóxicas, o indivíduo é privado de sua liberdade pelo parceiro.

As relações têm sido cada vez mais idealizadas, o status de estar em um relacionamento faz com que as pessoas se disponham a passarem por situações nunca antes imaginadas, sem se quer perceberem. A ilusão de um amor-perfeito e um príncipe encantado enaltece o parceiro em fantasia, distanciando da realidade não condizente.

O amor romântico é desejado e visto como uma maneira de se alcançar a felicidade através do encontro com o outro, sendo esta busca constante a causa de insatisfação, e o medo de não o encontrar em outro alguém, o que faz com que as pessoas permaneçam em relações fracassadas.

Existe uma romantização profunda das relações amorosas, provocada por um intenso medo da solidão, onde a troca de afeto gera a criação de um vínculo forte o bastante a ponto de tornar-se capaz de sucumbir todo o sentido de existência de um ser. A literatura retrata este tipo de relacionamento de uma forma sutil o bastante a ponto de fazer com que haja identificação por parte de um dos elos da relação, possibilitando uma leitura que pode ser congruente as próprias experiências, ao representar situações parecidas e corriqueiramente repetitivas entre este tipo de ligação, por isso a pesquisa deste trabalho busca compreender o amor em suas diversas formas, e a maneira como uma relação pode se tornar tóxica, e despertar no elo identificado como alvo, emoções específicas, alcançando um relato autentico e genuíno repleto de características que demonstram o abuso desde o início.

1.1 Justificativa

Tendo em vista que o ser humano produz o seu conteúdo com base no que adquiriu ao decorrer de sua vida, ele tende a repetir aquilo que conhece e desejar um parceiro ilusório, na expectativa de criar um vínculo de amor ideal, considerando que a paixão o conduz a relações enganosas, fazendo-o acreditar ter alcançado sua completude, enxergando no outro exatamente aquilo que lhe falta, é conduzido à frustração da realidade do amor.

A arte expressa a psiquê humana, assimilada através da identificação de papéis, a literatura, a música e a poesia, entre outros meios de representação, são capazes de facilitar o reconhecimento de características pessoais em algo externo, auxiliando o processo de

percepção e adequação ao que é real, utilizando a literatura é possível compreender o movimento de transformação de um amor idealizado entre duas pessoas que se completam, para um relacionamento tóxico.

1.2 Problematização

As pessoas tendem a relacionar o amor ao encontro de sua alma gêmea e alcance da completude eterna, entretanto com a ascensão da ideologia individualista a cultura narcísica impôs algumas barreiras a este sentimento tão desejado, como a dificuldade de estabelecimento de vínculos e limites, necessidade de aprovação, entre outros conflitos psíquicos que interferem diretamente na relação amante e amado, distanciando o amor real daquele dos contos de fadas.

Este trabalho propõe-se a buscar respostas, tendo como propósito identificar características determinantes presentes em relacionamentos abusivos através da literatura, embasado nas definições psicanalíticas discorrerá sobre o amor. Considerando que no início de uma relação a paixão e o desejo são sedutoras suficiente para esconderem traços reais de seu par idealizado, por que, mesmo após deparar-se com a realidade do outro, romper um amor tóxico causa tanto sofrimento?

1.4 Objetivos

1.4.1 Objetivo Geral

Compreender o que leva o indivíduo a dificuldade de abandonar uma relação amorosa tóxica.

1.4.2 Objetivos Específicos

- Realizar um estudo teórico sobre o amor de acordo com a teoria psicanalítica;
- Definir a construção de uma relação amorosa abusiva;
- Identificar características específicas de relacionamentos abusivos na literatura;
- Destacar os aspectos emocionais envolvidos no desenvolvimento das relações;
- Descrever os relatos de pessoas que passaram pela experiência de relacionamentos abusivos.

CAPÍTULO II

REVISÃO DE LITERATURA

Neste capítulo serão abordados aspectos psicanalíticos definidos por diversos autores a respeito do amor, bem como pontuações filosóficas e a apresentação de alguns clássicos da literatura que descrevem o amor romântico no contexto de evolução da visão dos autores a respeito da mulher.

2.1 Sobre o amor e suas dimensões

O amor ocupa lugar no discurso dos amantes e na poesia, narrado desde a bíblia, adquire formas variadas e diversos contextos, o mito a seu respeito é sustentado pela promessa de felicidade plena nas chamadas histórias de amor, ama-se pela ausência do outro, ou de acordo com Lacan (1956), através do Outro.

Ferreira (2004) aponta que o homem tem no amor a solução para alcançar a sua plenitude, acreditando na famosa frase “Foram felizes para sempre” (Ferreira, 2004, p. 07), designada ao casal que sofreu durante toda a história, mas ao ficarem definitivamente juntos, tornaram-se completos, e ponto final. Marcadas por atos heroicos ou finais trágicos essas narrativas excitam o devaneio e fortalecem o mito do amor.

Em seus seminários escritos durante mais de vinte e cinco anos, Lacan discorre a respeito de diversas temáticas psicanalíticas, dentre elas encontra-se o amor, o autor (1956/1957) refere-se à relação entre amor e verdade como sendo intrínsecos, apresentando uma estrutura de ficção visando alcançar proteção diante dos enigmas indecifráveis. Aponta que a busca pelo amor, perdido, se dá pelo reencontro com o faltante

Para o pai da psicanálise, Sigmund Freud, o amor fala de ausência, de acordo com Farias (2017) é um sintoma do que um dia se perdeu na castração edípiana, e que deseja recuperar, sendo responsável pelo encontro incompleto entre o sujeito e a sexualidade.

Amar coloca em cena dois lugares: sujeito (amante) e objeto (amado). Aquele sobre o qual se abate a experiência de que alguma coisa falta, mesmo não sabendo o que é,

ocupa o lugar de amante. Aquele que, mesmo não sabendo o que tem, sabe que tem alguma coisa que o torna especial, ocupa o lugar de amado. O paradoxo do amor reside no fato de que o que falta ao amante é precisamente o que o amado também não tem. O que falta? O objeto do desejo. Se ele existisse, aqueles que tivessem a sorte de achá-lo teriam encontrado o verdadeiro amor. Se fosse assim, Aristófanes, em O Banquete de Platão, teria decifrado o enigma da verdade do amor. (FERREIRA, 2014, p. 10)

Lacan (1960/1961) em Branco (2014) traz um novo sentido para a natureza da transferência, sendo revelada como uma experiência amorosa que é capaz de preencher sua falta através do amor, “O amor de transferência - ou, ousaríamos dizer apenas, o amor - ensina àquele que ama que há uma falta inscrita em seu desejo.” (BRANCO, 2014, p. 87).

Freud, em seus estudos sobre a sexualidade como meio de movimentação do sujeito em sua busca da satisfação de seu desejo para com o objeto um dia perdido, diz que “muito antes da puberdade já está desenvolvida na criança a capacidade de amar” (FREUD, 1907/1996, p. 125), diante desta afirmação é possível compreender que o fenômeno amoroso está presente desde a vida infantil.

Zimerman (2010) aponta que na concepção de Freud o amor é considerado uma modalidade de manifestação das pulsões sexuais e que o desejo é quem define a escolha do objeto, não sendo capaz de existir sem uma identificação recíproca e que é manifestado de diferentes formas, de acordo com o tipo de vínculo estabelecido, então, de acordo com a psicanálise o amor surge como projeção.

2.1.1 A origem do amor

Artur Schopenhauer (1819/2005) descreve o amor como sendo o principal objeto dos anseios da humanidade, com influência sobre incontáveis linhas teóricas, e como causa da desordem emocional até mesmo dos gênios. O filósofo expoente do século XIX, com consequente importância em Freud, aponta que a vontade é a essência do mundo e o amor como vontade é desejo, um impulso em direção a perpetuação da espécie, em representação é idealizado como felicidade, impondo sua satisfação como a da própria vontade, prolongando a vida e o sofrimento de todos os seres que se dispõem a senti-lo.

Tanto quanto os primeiros raios da aurora e os intensos raios do meio-dia têm o mesmo nome de luz do sol, assim também cada um dos aqui mencionados casos têm de levar o nome de VONTADE, que designa o ser em si de cada coisa no mundo, sendo o único núcleo dos fenômenos (SHOPENHAUER, Arthur. 1819/2005, p. 178).

Os poetas dão significado a palavra amor de acordo com aquilo que entendem e vivenciam, descrevendo o que sentem ao devanear a seu respeito buscando por uma verdade, Fernando Pessoa, no Poema II de O guardador de rebanhos anota que “Porque quem ama nunca

sabe o que ama/ Nem sabe por que ama, nem o que é amar...” o autor aponta o sentimento como sendo eterno em sua inocência, cabendo a ele apenas existir e fazê-lo ser sentido, mas não necessariamente compreendido.

O amor é objeto de debates desde a antiguidade, motivo de discussões, presente em reflexões desde a origem da filosofia, literatura e mitologia, sendo campo de pesquisa para a psicanálise. Reconhecido como a força fundamental da vida humana, sendo a figura da pessoa amada retratada como a de algo superior e inatingível, e a retribuição de tudo o que lhe é proporcionado através da abdicação do próprio eu, percebida como uma mera gentileza. Esta alusão está retratada no primeiro poema lírico da humanidade, escrito a 2000 a.C. por Inanna, a deusa do amor, ao rei da Suméria.

Poema ao Rei Shu-Sin

Tu, porque me amas,
Dá-me o favor das tuas carícias, meu senhor deus, meu senhor protetor,
Meu Shu-Sin que alegra o coração de Enlil,
Dá-me o favor das tuas carícias.
(GUTIÉRREZ, 2011, p. 07)

Lacan, em todos os seus escritos refere-se ao amor como sendo uma fonte incessante, ponto de partida da experiência analítica, “Este começo é algo diferente da transparência própria da enunciação, que dava seu sentido as fórmulas de agora a pouco. É um começo espesso, um começo confuso. É um começo, não de criação, mas de formação.” (LACAN 1960-1961, p. 12) sendo o amor o princípio de tudo, formador inicial da concepção do eu.

Em O Banquete (PLATÃO, 385 a.C a 380 a.C), Lacan encontrou esclarecimento para a estrutura de transferência estabelecida através do amor, é um dos maiores diálogos escritos por Platão, percebe-se as características do que é conhecido como mito do amor, fundador do imaginário relacionado ao amor em toda a sociedade ocidental, obra de reflexão acerca da beleza e do poder de um sentimento, que traz questionamento como quem e o que ele é. Os personagens que fazem parte do diálogo tentam descrever e dar significado ao amor, as definições podem ser associadas a diversos conceitos psicanalíticos, que serão relatados, a apresentação das definições expostas no diálogo platônico possibilita uma compreensão inicial sobre a história do amor.

Em seu oitavo seminário (1960/1961) Lacan transcreve O Banquete com algumas observações acerca do posicionamento de cada integrante da ceia, iniciado por Phaedrus (PLATÃO, 385 a.C a 380 a.C), diz que o amor é um Deus e quem ama torna-se divino como Eros, quem ama se sacrifica pelo objeto amado. Pausanias aponta que existem dois Eros onde um apaixona-se pelo corpo, o bom, e o outro pela alma, o mal eros. Erychimaxus remete-se a

concepção de que Eros é uma força capaz de mover todos os seres e a natureza, sendo está a força de harmonização cósmica dos contrários, retratando a medicina como algo erótico por harmonizar o corpo.

Aristóphanes narra o mito do andrógono, definindo Eros como uma carência fundamental dos seres humanos em busca de completude e união, um impulso erótico que move o homem a procurar sua outra metade para retornar a sua forma originária, a fissura original jamais será suprida, restando uma carência, independente da união. (PLATÃO, 385 a.C a 380 a.C)

Agathon descreve as qualidades de Eros, como um arqueiro capaz de penetrar de maneira imperceptível as almas, deixando-os apaixonados. Sócrates então narra um diálogo que teve com Diotima de Mantinea, sendo eros uma força astuta e carente em busca de plenitude, que coloca no ser humano o desejo de imortalidade e do conhecimento. “Observa bem, continuou Sócrates, se em vez de uma probabilidade não é uma necessidade que seja assim, o que deseja aquilo de que é carente, sem o que não deseja, se não for carente.” (PLATÃO, 385a.C a 380 a.C. apud VIRTUAL BOOK, 2000, p. 31)

Por fim, Alcibíades, o homem do desejo, finaliza o diálogo relatando a respeito do agalma, um objeto escondido no interior de Sócrates, dirigindo a ele elogios impassíveis.

Está aqui, precisamente, aquilo cuja falta faz com que Sócrates não possa senão recusar dar, se assim podemos dizer, o seu simulacro. Se ele se coloca diante de Alcibíades como incapaz de mostrar-lhe os sinais de seu desejo, e na medida em que recusa ter sido ele mesmo, de alguma forma, um objeto digno do desejo de Alcibíades - nem do desejo de qualquer outro (LACAN, 1961, p. 158).

Referindo-se a Alcibíades “O milagre do amor é realizado nele na medida em que ele se torna o desejante” (LACAN, 1961, p. 160). O autor aponta dois cenários, sendo eles o do amante e o do amado, sendo o amante o sujeito do desejo e o amado aquele que possui algo a oferecer.

De acordo com Siqueira (2014) Lacan encontrou no Banquete sustentação para esclarecer a confusa estrutura da transferência proposta pelos adeptos da Psicologia do Ego, “que praticamente a reduziam aos fenômenos contra transferenciais” (SIQUEIRA, 2014, p. 02) por ter conteúdo suficiente para qualificar as funções do amante e do amado.

2.1.2 O amor de transferência e o “objeto a”

Siqueira (2014) situa a transferência ao eixo do amor em Freud, onde aponta que o amante, denominado por Érastès (Lacan, 1961, p. 46) é aquele que falta, não sabendo exatamente o que lhe falta, mas que está em busca constante por algo que venha a lhe completar,

vivendo então na procura inconsciente de si, no outro. Êrômémos (Lacan, 1961, p. 23) é o ser amado, aquele que não reconhece ser o objeto de desejo e amor do amante, tanto um quanto o outro não possuem aquilo que buscam, e não sabem ao certo o que a oferecer.

Lacan (1954/1986, p. 263) coloca a relação de transferência como indissociável dentro do plano simbólico ao dizer que “[...] a transferência comporta incidências, projeções das articulações imaginárias, mas se situa inteira na relação simbólica”. Apresentando o amor como dom, simbólico, capaz de possibilitar o movimento que o sujeito busca ao percorrer a cadeia de significantes em suas construções em análise.

Uma das mais conhecidas definições feitas por Lacan é “Não é à toa que lhes repito desde sempre que o amor é dar o que não se tem. É esse, inclusive, o princípio do complexo de castração. Para poder ter o falo, para poder fazer uso dele, é preciso, justamente, não o ser” (LACAN 1962/1963, p. 122). O jogo do amor engloba o objeto da falta, que transforma o objeto amado em sujeito amante, ou de acordo com Branco (2014, p. 88) “o amor transforma aquele que ama em alguém que direciona sua falta ao Outro, isto é, o amante projeta, sobre o outro (amado), sua falta.” A relação amorosa é considerada incompleta, por ser construída através de uma promessa de união oferecida pelo amor na intenção de preencher a parte ausente, exigindo uma demanda muito grande de amar.

“Dar o que não se tem” é citado em francês “cequ’on n’a pas” (LACAN, 1962/1963, p. 132) que complementa explicando a escolha do objeto a, não apenas pela identidade algébrica da letra, mas por nomear humoristicamente o que não se tem mais, e pode ser reencontrado pela via regressiva através da identificação com o outro, ele continua a ser um instrumento. Sendo assim, aquilo que se tem para oferecer no amor é justo uma falta, o que se dá é aquilo que não se tem. [...] o amor, o amor daquele que deseja ser amado, é essencialmente uma tentativa de capturar o outro em si mesmo, em si mesmo como objeto (Lacan, [1945] 1986, p. 314).

Chico Buarque de Holanda aprofunda questões da continuidade perdida, descreve através de seu poema *Pedaço de Mim*, a perda do objeto a, restando a lembrança de ter sido completo, de acordo com Lacan, apenas saudade.

Oh, pedaço de mim
 Oh, metade afastada de mim
 Leva o teu olhar
 Que a saudade é o pior tormento
 É pior do que o esquecimento
 É pior do que se entrevar
 Oh, pedaço de mim
 Oh, metade exilada de mim
 Leva os teus sinais
 Que a saudade dói como um barco
 Que aos poucos descreve um arco
 E evita atracar no cais

Oh, pedaço de mim
 Oh, metade arrancada de mim
 Leva o vulto teu
 Que a saudade é o revés de um parto
 A saudade é arrumar o quarto
 Do filho que já morreu
 Oh, pedaço de mim
 Oh, metade amputada de mim
 Leva o que há de ti
 Que a saudade dói latejada
 É assim como uma fígada
 No membro que já perdi
 Oh, pedaço de mim
 Oh, metade adorada de mim
 Lava os olhos meus
 Que a saudade é o pior castigo
 E eu não quero levar comigo
 A mortalha do amor
 Adeus
 (CHICO BUARQUE, Pedaço de Mim, 1978)

O amor, para Lacan (1962/1963) vai além do querer, se trata de oferecer. O amante não é, precisamente, aquele que quer algo que se acrescente ao amado, mas é aquele que oferece ao amado sua própria falta. Na expectativa de que o amado seja aquele que possui o objeto precioso que falta a ele, amante, acreditando ainda que o amado pode oferecer algum saber sobre seu ser (na transferência), o amante se oferece em amor, já que esta falta caracteriza o modo como ele ama.

Sobre “O amor como significante é uma metáfora, posto que metáfora é substituição, pois é na medida em que o amante enquanto sujeito da falta substitui a função do objeto amado que se produz a significação do amor, a saber, o intercâmbio dos lugares” (SIQUEIRA, 2014, p. 03) a autora aponta a importância da imersão na linguagem por parte do amante e do amado como solução ao limite do engessamento imaginário do amor na teoria das relações de objeto.

O enamoramento, se refere às relações amorosas, Lauru (2002) define como uma superestimação sexual do objeto, secundária a uma idealização, que se dá pela escolha deste objeto, cuja pela natureza narcísica não escapará a ninguém. Sendo assim o sujeito é conduzido a outra parte da relação amorosa, o ódio.

O amor propriamente dito, em que ele revela assim sua dupla face, sem nomeá-la aqui - ele o fará mais tarde - ou seja, que o amor tem um reverso: o ódio. Esse reverso é contra tudo, contra o próprio amor; é, apesar de tudo, o ódio. Voltaremos a isso, pois é o que nos introduzirá ao enamoramento. É também a antecipação daquilo que ele ainda não diz, ou seja, a transposição do amor de transferência com seus dois polos opostos retomados em numerosas ocorrências: a transferência com o motor da cura, no sentido do amor de transferência, mas também a transferência com a resistência ao trabalho do inconsciente e da cura.
 (LAURU, 2020, p. 160)

É muito singular ver reemergir, sob a pena de Freud, o amor como potência unificante pura e simples, de atração sem limites, para opô-lo a Tanatos - quando temos correlativamente, e de maneira discordante, a noção tão diversa, e tão mais fecunda, da ambivalência amor-ódio.

“O amor, como relação primitiva com o Outro, é conflito, discordância, heteromorfia e nisso localiza-se seu problema. Basta amar para se ver presa dessa discórdia, porque sua visada é totalizante e imaginária, e, assim sendo, sem saída. Deságua no ódio que visa dominar a alteridade do objeto de amor.”
(SIQUEIRA, 2014, p. 03)

“Não se pode negar que o odiar, originalmente, caracterizou a relação entre o eu e o mundo externo alheio com os estímulos que introduz. (...) Logo no começo, ao que parece, o mundo externo, os objetos e o que é odiado são idênticos”. (Freud, 1915, p.158)

Freud distancia o amor de uma pedagogia do afeto, longe de regras e normas preestabelecidas “[...] afastamentos da norma constituem precisamente aquilo que é essencial a respeito de estar enamorado.” (FREUD, 1915a/1996, p. 186) Para Branden (2002) o vínculo amoroso está ligado ao ideal de amor romântico que leva a crer na unificação de duas pessoas em uma só.

2.1.3 Amor Romântico

Erich Fromm (1956) considera de grande importância estudar a significação do amor, destaca que as pessoas insistem em viver um amor romântico, como sendo ele o responsável pela união matrimonial.

O primeiro passo a dar é tornar-se consciente de que o amor é uma arte, assim como viver é uma arte; se quisermos aprender como se ama, devemos proceder do mesmo modo por que agiríamos se quiséssemos aprender qualquer outra arte, seja a música, a pintura, a carpintaria, ou a arte da medicina ou da engenharia.
(FROMM, Erich.1956, p. 24)

Em A Arte de Amar Fromm (1956) aponta alguns detalhes acerca do amor, como a forma que a sociedade o percebe e têm a plena convicção de que tudo sabem ao seu respeito. Ressaltando que esta atitude vem sido moldada, direcionada a uma certeza, de que o sentimento é em si o seu ser amado, e que a ausência deste ser seria então a falta do amor. O autor aponta que “Para o homem, uma mulher atraente (e, para a mulher, um homem atraente), eis o lucro a obter. ‘Atraente’ vem a significar normalmente, um bom fardo de qualidades que sejam populares e muito procuradas no mercado da personalidade.” (Fromm, 1956, p. 21) então a atração, relação com o objeto amado, seria responsável pelo despertar do sentimento e o amor romântico, como uma experiência pessoal que conduz ao casamento, sendo este o objetivo principal de todos aqueles que se amam.

O mito do amor romântico idealiza o outro, atribuindo a ele características inexistentes. O conceito sugere que, se você se apaixona por alguém, essa é a pessoa que vai suprir todas as suas necessidades. Johnson (1987) traz o amor entre os seres humanos como uma das realidades absolutas da natureza, um arquétipo que possui individualidade, peculiaridades e uma personalidade própria, comportando-se como uma pessoa no inconsciente, presente antes mesmo da formação do ego, existindo sem determinar como deve ser.

“Eis a estratégia do mito de amor: a conversão do impossível em interdição a fim de que seja mantida a promessa de felicidade”(FERREIRA, 2004, p. 08) Johnson (1987) contradiz essa premissa de que só se é feliz ao ter alguém, ao apontar que um verdadeiro amor leva ao amadurecimento, pautado em atitudes reais, aceitando a responsabilidade de sua própria felicidade ou infelicidade, sem a expectativa que de o outro o faça feliz.

“O amor é delicado porque não caminha no chão nem anda sobre as cabeças, [...] mas caminha e habita em tudo o que o universo tem de mais delicado: os corações e as almas dos deuses e dos homens.” (PLATÃO, 1956 p.48) Esta fala de Platão condiz com os contos infantis, com grande parte da literatura e dramaturgia, ao elucidarem que apenas as pessoas boas são dignas de amarem e viverem um grande amor, mas atribuem também a este sentimento a responsabilidade de modificar aqueles que se apaixonam.

Sobre os contos de fadas, Damasceno e Valente (2007) relacionam o amor romântico ao desejo do “amor perfeito”, o mesmo vivenciado pelos pais, que leva diretamente à frustração diante da descoberta de que a fantasia é oposta ao real. Já que nos contos a mulher aparece sempre como uma heroína prendada, dedicada a seus afazeres domésticos, preza sempre a família e obedece seu marido, agindo desta maneira é admirada por seu desempenho e o valor que lhe é atribuído é reconhecido através de suas funções, esperando por um milagre em suas vidas de forma passiva, enquanto o herói tem uma postura que transparece segurança, coragem, sensibilidade, sendo reconhecido por seus grandes feitos.

Belttelheim (1980) esclarece que essa imagem do “felizes para sempre” após um grande sofrimento alcançado apenas a partir do encontro com seu amor e salvador, despertando a ideia enganosa de que não haverá mais angústias aos pares, enquanto aos solos, cabe a sensação de não serem merecedores da paz e felicidade eterna.

Lima, Barros, Marinho e Aroucha (2013) afirmam que o amor romântico inclui apaixonar-se, muito além de amar, já que a paixão permite ao amante sentir-se completo, ao acreditar que encontrou o verdadeiro sentido de sua vida em seu amado, sendo este o detentor de sua felicidade.

Se você ama a si mesmo, você ama todos os outros tanto quanto a si mesmo. Se você ama outra pessoa menos do que se ama, na verdade não conseguirá amar a si mesmo; mas, se você amar a todos, inclusive a você, igualmente, então amará todos eles como se fossem uma só pessoa [...]
(FROMM apud ECKHART, 1956, pg. 78)

As Sem Razões do Amor, poema publicado na obra *Corpo* (1984) por Carlos Drummond de Andrade, retrata em sua terceira estrofe que o sujeito não ama a si mesmo demasiadamente, pois sua prioridade é o outro, ficando nítido que amar alguém altera a percepção da realidade do indivíduo.

As Sem Razões do Amor
Eu te amo porque não amo
bastante ou de mais a mim.
Porque amor não se troca,
não se conjuga nem se ama.
Porque amor é amor a nada,
feliz e forte em si mesmo.
(ANDRADE, 1984, p. 26)

2.1.4 Desconstrução do amor ideal

Para Fernandes (2019) o amor romântico estabelece uma busca inconsciente ao parceiro ideal, sendo está a causa de grandes decepções a medida que se defronta com a impossibilidade de transformar o outro em sua imagem e semelhança, percebendo-o como ele verdadeiramente é.

As fantasias despertadas pelo amor rompem o limite entre a verdade e a mentira, de acordo com Ferreira (2014, p. 09) “A impossibilidade de saber tudo instiga o desejo de saber cada vez mais sobre esse afeto que nos captura, que nos leva a cometer atos ridículos, desvairios, e que nos faz sentirmos ao mesmo tempo alegres e tristes.” Quando se ama o ser amado passa a ser idealizado em forma de suposições desejosas por seu amante, o que configura a criação de uma imagem irreal de alguém.

O amor romântico não é construído na relação com a pessoa real, mas sobre a imagem que se faz dela, trazendo a ilusão de amor verdadeiro. Deseja-se tanto vivê-lo que, quando alguém o critica, provoca grande desapontamento. Nada pode unir tanto duas pessoas como a fusão romântica. A questão é que, por mais encantamento e exaltação que cause num primeiro momento, ela se torna opressiva por se opor à nossa individualidade.
(DAMASCENO E VALENTE, 2007, p. 04)

A canção “De quem é a culpa” composta por Marília Mendonça (2017) retrata a maneira como, de acordo com os autores psicanalistas descrevem, uma pessoa se apaixona pela projeção de si no outro, e não necessariamente por aquilo que ele de fato o é, e quando a realidade passa a ser perceptível o encanto é quebrado.

Não finja que eu não 'to falando com você
Ninguém entende o que eu 'to passando
Quem é você, que eu não conheço mais?

Me apaixonei pelo que eu inventei de você
(MENDONÇA, 2017, 6ª estrofe)

No soneto XVII de A Rua dos Cataventos, o primeiro livro de Mario Quintana (1940), o autor trata sobre sentimentos e o modo como a experiência, negativa e positiva, é capaz de moldá-los, restando ao amante marcas eternas de seu amado.

A Rua dos Cataventos

Da vez primeira em que me assassinaram,
Perdi um jeito de sorrir que eu tinha.
Depois, a cada vez que me mataram,
Foram levando qualquer coisa minha.

Hoje, dos meus cadáveres eu sou
O mais desnudo, o que não tem mais nada.
Arde um toco de Vela amarelada,
Como único bem que me ficou.

[...]

(QUINTANA, 1940, soneto XVII)

Referindo-se à ilusão do amor imaginário, Lacan (1954/1986, p. 315) explica que, “[...] quando o ser amado vai longe demais na traição de si mesmo e persevera na enganação de si, o amor não segue mais.” Ele considera o amor imaginário como uma ilusão de relação, colocando em jogo o sujeito que “deseja ser amado” (Allouch, 2010, p. 78) e sua criação, o objeto amante idealizado.

O laço criado por esse amor imaginário, para Novelli, Lazzarini, Chatelard e Maeso (2017) é fraco e não perdura com o tempo, pois acaba no momento em que percebe trair a si mesmo, sendo assim a idealização acaba a partir do momento em que o objeto amante demonstra suas características reais.

O que está em jogo no amor é uma tentativa de complemento, Lacan (1961, p. 57) “[...] sobre este ser do objeto, que sempre podemos nos dizer, com razões mais ou menos boas, mas sempre com alguma razão, ter perdido: é por lhe haver faltado” sendo assim, a constante e incessante busca por sua outra metade levará a frustração, já que o outro não lhe pertence, há uma falta, e sempre haverá, esta não será preenchida, mesmo que por vezes, pareça que sim.

2.2 Construção da personalidade e desenvolvimento emocional

De acordo com Zimerman (1999) os elementos responsáveis pela formação da personalidade são muitos, tendo início em Freud e consequentes atualizações entre outros autores de grande importância, que possuem algumas discordâncias referentes às postulações, mas concordam com o fato de que o bebê está exposto a estímulos de toda forma, sem possuir condições para distinguir se essas sensações vem de dentro ou de fora dele, sendo assim percebe-se que a psicanálise concebe significados desde a infância.

O autor (1999) descreve a constituição da personalidade diante das exposições de diferentes teóricos, incluindo Freud (1996a), e o desenvolvimento psicosssexual, ressaltando que estas etapas evolutivas psíquicas sofrem constante transformação, como todos os afetos primitivos, “que ficam presentes ou representados no inconsciente, constituindo ‘pontos de fixação’, os quais funcionam como um polo imantado e tal como faz um eletroímã, atraem para si a representação de novas repressões de fantasias e de experiências emocionais.” conforme Zimerman (1999, p. 92)

O desenvolvimento emocional primitivo se distingue entre o “falocentrismo” colocado por Freud em 1905, como aponta Roudinesco (1998, p. 73) “idéia de uma libido única, de essência masculina, de modo a incluir a diferença sexual no contexto universalista de um monismo sexual (ou falocentrismo) de tipo igualitarista.” Em contrapartida a este termo, Melanie Klein (1963) apresentou o “seiocentrismo”, onde enfatiza as relações do bebê com a mãe, especificamente com o objeto parcial que é o seio, partindo do fato de que é ele o responsável por nutrir, para uma dissociação devido a pulsão de morte, como inveja primária, transformando-o em seio bom e seio mau. (ZIMERMAN, 1999)

Gomes e França (2012) destacam, referente as obras de Klein, seu estilo interpretativo e a utilização da linguagem para se comunicar com as crianças, de modo tão pertinente e eficaz ao acessar o mundo imaginário das fantasias infantis, que até analistas de outras linhas teóricas dedicam-se a leitura de suas obras, marcada por referências a objetos parciais e a termos anatômicos e fisiológicos.

A análise de crianças muito pequenas tem mostrado repetidamente quantos significados diferentes pode ter um único brinquedo ou um único segmento de uma brincadeira e que só podemos inferir e interpretar o seu significado quando consideramos suas conexões mais amplas e a situação analítica em que se inserem. (Klein, 1932/1997, pp. 27-28)

Como em Freud a figura paterna apresenta potencial relevância, a teoria kleiniana atribui o papel de destaque à mãe introjetada pelo bebê, defendida também por outras autoras, que questionam o machismo presente em toda a obra Freudiana.

Irigaray definiu uma escrita feminina, sexuada, capaz de subverter a linguagem opressiva dos “machos”. Assimilou o falocentrismo freudiano a um logocentrismo e propôs fazer brotar uma alteridade do feminino. À tese do falocentrismo freudiano e laciano ela opôs a ideia de uma possível “feminização” do conjunto da sexualidade humana, através do surgimento de um arcaísmo recalcado nos planos social e subjetivo. (ROUDINESCO, 1998, p. 156)

Alguns autores apontam estas ideias como extremistas, acrescentando novas formas de se descrever os conceitos postulados. Kohut (1971) por exemplo, introduziu a psicanálise o estudo acerca dos objetos do self, como sendo as pessoas responsáveis pelo desenvolvimento

da criança, dividido entre os que agem como um espelho, e aqueles que refletem apenas sua própria imagem.

Winnicott (1988) baseia-se na dependência do bebê em relação ao meio ambiente, diretamente ligado à sua mãe, para compreender como se dá o desenvolvimento do indivíduo em direção à dependência relativa e à futura independência, denominada cuidado materno. Rocha (2006) completa a colocação afirmando que inicialmente essa relação de dependência é de mão dupla, “É justamente neste ponto que reside uma das especificidades da teoria winnicottiana, já que, no início, mãe e bebê estão unidos de uma forma tal que, a mãe é o bebê e ele é a mãe.” (ROCHA, 2006, p. 03) A autora coloca que Winnicott acredita que as bases da personalidade e da saúde psíquica do indivíduo se dá nos estágios iniciais do desenvolvimento emocional.

Bion, de acordo com Zimerman (1999) renomeia a “representação coisa” de Freud para “terror sem nome”, e em 1963 preconiza a formação de vínculo mediante a interação entre mãe e bebê. Ele aprofundou, sistematizou e divulgou em todo o universo da psicanálise, as múltiplas faces dos vínculos e das respectivas configurações vinculares. Segundo Bion (1959) os vínculos são elos emocionais e relacionais, que unem duas ou mais pessoas, ou duas ou mais partes dentro de uma mesma pessoa, responsável pelos três vínculos fundamentais: amor, ódio, conhecimento.

“[...] não vejo razão para duvidar que o feto a termo tenha uma personalidade. Parece-me gratuito e sem sentido supor que o fato físico do nascimento seja algo que cria uma personalidade que antes não existia. É muito razoável supor que este feto, ou mesmo o embrião tenha uma mente que algum dia possa ser descrita como muito inteligente.” (BION, 1992, p. 91)

As fases da sexualidade, junto ao desenvolvimento psicosssexual da criança é o tema abordado em uma obra lançada por Freud em 1905, os Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade, nela o autor avança em sua teoria, abordando a infância e os estágios psicosssexuais, e suas cinco etapas, oral, anal, fálica, período de latência e genital, caracterizadas pela busca de gratificação nas zonas erógenas do corpo, o excesso e as frustrações presentes em cada uma delas será responsável pelo desenvolvimento da personalidade. Sua obra revolucionou as noções tradicionais acerca da sexualidade, ao desenvolver constatações sobre atração, analisando comportamento das crianças desde seus primeiros anos de vida, tornando possível compreender o percurso de uma sexualidadesaudável, alcançada diante da superação das fases psicosssexuais, que continuam seu desenvolvimento por toda a vida, ressaltando que mesmo os indivíduos mais saudáveis podem ter perversões.

As regiões corporais de maior sensibilidade são conhecidas como fontes pulsionais, não necessariamente se trata dos genitais, mas sim de zonas erógenas que proporcionam prazer, a sexualidade infantil não se trata de relação sexual, ela é autoerótica, direcionada a objetos, mas desempenha futuramente o papel de despertar o prazer durante as preliminares, conforme aponta Bergeret (2007).

Couto (2017, p. 01) destaca que as fases de desenvolvimento dizem respeito resultado de um processo que inclui o acionamento de mecanismos de defesa como o recalque e a projeção, que por sua vez implicam fixações e regressões para caracterizar sua estruturação mais dinâmica – já que sinuosa – do que linear e determinista. Cada fase diz respeito a uma etapa do desenvolvimento da libido em que há a preponderância de uma zona erógena e uma modalidade específica de relação com o objeto.

2.2.1 Fase oral e o primeiro amor

Bergeret (2007) denomina a fase oral como a de organização libidinal, tendo início no nascimento perdurando até o desmame da criança. Durante este período a zona bucal é tida como fonte corporal pulsional, não se considera apenas a boca, mas todo o entroncamento aerodigestivo incluindo os órgãos respiratórios, de fonação e dos sentidos, Zimerman (1999) acrescenta que a libido oral é uma incorporação que antecede a identificação.

O objeto erótico é o seio materno ou seu substituto, tendo o ato de sucção na hora de mamar como a primeira expressão libidinal, essa satisfação vai além da necessidade fisiológica da nutrição “o bebê) descobre que a excitação pela boca e pelos lábios proporciona um prazer em si” (BERGERET, 2007, p.18) o nascimento transforma a relação mãe-bebê para algo simbiótico e fusional, de dependência. O autor (2007) prossegue ao afirmar que o bebê direciona tudo que lhe interessa a boca, confundindo o prazer de ter com o de ser, essas incorporações despertam inclusive um “medo de ser comido” (BERGERET, 2007, p. 19)

Karl Abraham (1924) traz uma contribuição a esta fase subdividindo-a em duas, Zimerman (1999) as descreve como fase oral passivo receptiva e ativo-incorporativa, enquanto Bergeret (2007) as aponta como fase oral primitiva e tardia. A primeira tem duração entre o nascimento ao sexto mês, até que o bebê tenha condição de agarrar espontaneamente os objetos, podendo referir-se a fase narcisista primária e anaclítica, enquanto a segunda, entre o sexto mês ao um ano, tem predomínio de pulsões, denominadas por Freud (1905/1996) denomina como “canibalesca”, por ser marcada pelo surgimento da dentição, as mordidas aos objetos, incluindo principalmente o seio materno, demonstra a existência de pulsões agressivas e hostis, como uma maneira do bebê responder as suas frustrações, como descreve Bergeret (2007, p. 19) “a

incorporação, sempre em jogo, tornou-se sádica, ou seja, destrutiva; o objeto incorporado é vivido nas fantasias do bebê como atacado, mutilado, absorvido e rejeitado, no sentido da destruição.”

Na etapa da atividade bucal da mordida, o objeto é incorporado e sofre a destruição. Basta olhar uma criança para avaliar como é intensa sua necessidade de morder, e perceber como necessidade alimentar e libido se acham misturadas. É o estágio das pulsões canibais. Caso a criança sucumba aos encantos do objeto, ela sofre o risco ou é obrigada a destruí-lo. A partir daí, a ambivalência reina na relação do eu com o objeto (ABRAHAM, 1970, p.112).

Couto (2017) diz que a boca proporciona ao bebê o conhecimento do mundo a sua volta sendo o seio materno o primeiro objeto da pulsão sexual, sendo assim, a primeira referência de objeto é a figura materna, ou aquele que representa o cuidador, provedor da fonte de saciedade, daquele que vem o alimento. Ela será abandonada por não estar inteiramente a disposição, fazendo com que haja a substituição da sucção do seio para alguma parte de seu próprio corpo.

Como a atividade sexual surge misturada à necessidade de nutrição, podemos dizer que o leite é o objeto que satisfaz o corpo biológico e o seio da mãe é o objeto que satisfaz o corpo psíquico, já que enquanto o bebê o suga, há toda uma relação de afetividade que vai inserindo o pequeno corpo na ordem simbólica. As características da fase oral são sintetizadas da seguinte maneira: como há um prazer enorme ligado à mucosa dos lábios e à cavidade bucal, a fonte de onde provêm as excitações é a zona oral, o objeto é o seio materno e o objetivo é a introjeção do objeto. (COUTO, 2017, p. 02)

Amor é a princípio cuidado, aquilo que se recebe como necessário a manutenção da vida, todos os seguintes são referência desse primeiro. Bergeret (2007) designa o termo mãe a pessoa que cumpre com os cuidados a serem dados ao bebê, destinando a sua cuidadora a função de primeiro objeto, não havendo distinção entre ela e seu próprio eu, sendo assim, o lactante se percebe cercado de partes de um objeto incompleto, parcial, pedaços de si e da mãe misturados, estabelecendo então o autoerotismo/narcísica e as relações anaclíticas.

Em Freud (1974, p. 94) encontra-se estes dois tipos de escolha de objeto, na escolha de objeto narcísica o modelo é a relação do indivíduo consigo mesmo, marcada pela onipotência, onde as limitações, os enganos e os erros são vividos como ofensa pessoal. Enquanto a escolha de objeto anaclítica, a pulsão sexual apoia-se na pulsão de autoconservação. É uma escolha regressiva e complementar, que, de acordo com Salles, Sanches e Abras (2013) a mulher alimenta e o homem que protege.

A escolha narcísica ativa está do lado masculino, e a escolha anaclítica, passiva, está do lado do feminino em relação à mulher, Freud estabeleceu duas condições que determinam a escolha. O objeto deverá ser um substituto paterno: o complexo de castração leva a mulher a se afastar da mãe e a achar no pai uma posição de descanso. (SALLES, SANCHES E ABRAS, 2013, p. 16)

As autoras (2013) apontam que existe uma certa redundância no homem ao filho, que encontra resolução na maternidade “seu homem é pai do seu filho” (SALLES, SANCHES E ABRAS, 2013, p. 17) partindo disto tem-se as escolhas conjugais relação direta às fixações infantis, onde o encontro com o objeto é sempre um reencontro, dando ao laço amoroso uma característica de sintoma. Observa-se que durante a paixão é atribuída a pessoa amada poderes anteriormente direcionados as figuras paternas, na qual a mãe é fonte de alimento e o pai de cuidado, estruturas gerenciais que foram reais ou tidas como expectativa, apaixona-se por figuras que fornecem elementos de identificação, como um meio de receber novamente afeto e cuidado integral.

Melanie Klein (1981) concorda com Freud ao considerar a fase oral a primeira a se desenvolver logo após o nascimento, e diverge do pai da psicanálise em relação à importância crucial que ele atribui à sexualidade, na medida em que ela coloca a agressividade, inata na criança, como central em sua teoria, ao invés da vida sexual (Jorge, 2007) tendo suas primeiras manifestações sádicas, originárias da posição na qual o bebê nasce esquizo-paranóide, despertando uma ansiedade intensa (Klein, 1963). Seus eliciadores são, principalmente, voracidade, inveja e ódio, observados diante das fantasias do bebê de divisão do seio em um seio bom e um seio mau, um responsável pela gratificação infinita e o outro aquele que frustra infinitamente, já que não está presente no momento que a criança deseja, respectivamente.

A descoberta real do objeto se dá através de um processo gradual, Darriba (2005) coloca que da conclusão lacaniana de que o objeto, segundo Freud, é tomado pela via da falta, resulta na impossibilidade de confinar o desejo, na psicanálise, à sua definição em função do objeto. “A dimensão do desejo não se define pela presença de um objeto, já que é precisamente a falta dele que opera” (DARRIBA, 2005, p. 66)

A afirmação da falta do objeto por Lacan (1956/57) não impede, por si só, que ela seja interpretada do ponto de vista da perda do objeto, esta perda é associada ao desejo empírico de reviver a experiência tida com o tal, referindo-se não somente ao fracasso por não ter determinado objeto, mas por precisar manter uma busca permanente pelo mesmo.

Segundo Bergeret (2007, p. 20) a relação objetal é percebida quando existe um momento de ausência do objeto anaclítico, representado pela mãe, sendo assim, surge a primeira tomada de consciência, advinda da espera daquilo que lhe é satisfatório, mas enquanto não volta, faz falta. Ao iniciar o processo de distinção, é firmada uma confiança aos objetos conhecidos e o restante é tido como perigoso e não amado, estas descobertas possibilitam a distinção da mãe, possibilitando o surgimento da comunicação, simultâneo a relação ambivalente.

As pulsões sádicas e o desejo de destruir a mãe dão surgimento a instauração da posição depressiva, onde o bebê, de acordo com Couto (2017) passa a introjetar o objeto, antes parcial, como total.

Klein (1935/1996) acredita que o bebê consegue estabelecer uma relação de objeto total quando a mãe é percebida como inteira, um objeto completo, real e amado. Nesse momento, diminuem as fantasias sádicas e a ansiedade persecutória. Além de introjetar o objeto como um todo, o bebê sintetiza as emoções relacionadas a ele. Agora, amor e ódio são dirigidos a um mesmo objeto e o bebê sente culpa pelos ataques agressivos que foram dirigidos aos objetos amados – internos e externos –, o que o leva a tentar reparar seus danos.
(COUTO, 2017, p. 04)

Após o estabelecimento da posição depressiva, a ansiedade, que era dirigida ao ego, é destinada ao objeto (Klein, 1948/1991) e o desenvolvimento gradual do ego proporciona um aumento na capacidade do bebê em demonstrar seus sentimentos e se comunicar com as pessoas. (Klein, 1952/1991).

Klein (1946/1975) foi a responsável pela descrição da defesa primitiva que permite a sobrevivência emocional do bebê, a cisão entre os objetos bons e maus e dos impulsos de amor e ódio, que leva a um bom idealizado e seu respectivo perigo, sendo a defesa mais antiga contra a angústia. A clivagem dos objetos é acompanhada de uma clivagem correlativa do ego em “bom” ou “mau” ego, pois o ego é, para escola Kleiniana, constituído essencialmente pela introjeção dos objetos.

O fim da fase inicial se dá através do desmame, “trauma ou não, o desmame deixa no psiquismo humano o traço permanente da relação primordial à que ele vem pôr termo.” (BERGERET, 2007, p. 21) esta interrupção é indissociável a maternidade.

Segundo Winnicott (1958/1978) a boa experiência de amamentação constitui o fundamento do desmame, de modo que este deve ser a conclusão de um trabalho de amamentação bem conduzido, indicando que a criança teria alguma coisa da qual poderia ser desmamada. Amamentação e desmame estão interligados porque é somente como objeto perdido que o seio é apreendido, e a falta do objeto é a mola da relação do sujeito com o mundo, em sua eterna busca por objetos substitutos (abandona a posição de ser o falo da mãe, para procurar tê-lo). Na identificação com a parte perdida de si mesma a criança sobrevém então como sujeito de desejo (Lacan, 1957/1995).
(SAMPAIO, FALBO, CAMAROTTI et al, 2010, p. 614)

Em Macedo, Silva, Santos e Pacheco (2019) o jogo simbólico de substituições implica a transição entre o seio materno a outros alimentos, Freud (1996) aponta que o rompimento do ato de amamentar provoca uma tensão mediante o desejo de que o objeto amado e fonte de satisfação seja restituído, sendo complexo ao ser humano abdicar-se desta experiência.

Winnicott (1982) descreve o momento do desmame como uma desilusão de que os pais são totalmente bons, e que o seio que era mau tornou-se bom, é reconhece-los como seres humanos, destinando a eles além do amor, também o ódio.

Ao atravessar o estágio oral, podemos encontrar pessoas que podem experimentá-lo de modo prazeroso ou desprazeroso, satisfatório ou perturbado. Os traços característicos de sujeitos que atravessaram esse período de modo desprazeroso ou perturbado são justificados pelo caráter social em que essas pessoas parecem solicitar algo das outras. São uma espécie de “vampiros” sugadores que se aferram às pessoas, detestam ficar sozinhas, mesmo que por pouco tempo; sua impaciência é uma peculiaridade da sua personalidade e uma investigação psicanalítica revela, no mais das vezes, uma regressão do estágio sádico-oral para o de sucção. (GOMES, 2018, p. 382)

2.2.2 Fase Anal

Bergeret (2007) menciona que a fase anal acontece entre os dois ou três anos de idade com a instalação do controle esfinteriano, quando a criança passa a dominar o ato de defecar surge o prazer ligado a defecação, juntamente os conflitos referentes a este período, a mucosa anorretal passa a ser a fonte pulsional corporal. A mãe permanece sendo um objeto privilegiado, mas já é percebida de forma integrada, sendo agora a responsável pelo desenvolvimento da manipulação das matérias fecais do filho.

O objeto libidinal intermediário é especificamente o conteúdo intestinal “cilindro fecal” (BERGERET, 2007, p. 22) é visto pela criança como parte de seu próprio corpo, que pode ser conservada consigo ou expelida, essa separação possibilita a distinção entre objeto interno e externo. O medo de ser esvaziado representa a angústia anal. O prazer existe ao expulsar a produção intestinal, e ao reter as fezes durante determinado período.

À medida que crescem, sabemos que as crianças renunciam ao seu prazer de sugar ou chuchar, deslocando-o para outras formas de obtenção de prazer, tais como as mencionadas acima. Além disso, há a irrupção dos dentes, na qual o prazer de sugar é substituído pelo prazer de morder. Este é o momento em que a criança começa a ter relações ambivalentes com os objetos externos, relacionando-se de forma tanto amistosa quanto hostil com eles. Nesse momento, diz Abraham, ocorre um outro deslocamento de sensações agradáveis para outras áreas e funções corporais, ou seja, o prazer em sugar ou morder sofre uma espécie de migração por volta da época em que a criança está sendo desmamada ou, dito de outro modo, quando ela passa a ser treinada nos hábitos de higiene e limpeza quanto a urina e fezes. (GOMES, 2018, p. 381)

Abraham (1921/1924) aponta que o prazer primário, retomando os traços de Freud, em expelir o cocô pode ser eminente no prazer de pintar, modelar, ou de forma reativa, desenvolver um amor pela limpeza. Prossegue relacionando as fezes ao dinheiro, “toda a relação será tomada a partir da forma como a criança lida com os seus excrementos e da forma como os adultos manejam ou educam seus filhos no trato com a limpeza intestinal.” (GOMES, 2018, p. 379)

O autor (1921/1924) aponta que os adultos não tem consciência a respeito do prazer proporcionado através do contato com a urina e as fezes, demandando uma importância exagerada as funções anais, o que, de acordo com Bergeret (2007) induz a criança a aumentar seu interesse por essa ação neuromuscular. Gomes (2018) coloca que o controle em reter ou expulsar os excrementos em locais específicos é aprendido diante da valorização dos pais ao

recompensar os filhos por esse ato, as lavagens excessivas podem resultar em uma libido fixada de modo narcísico, resultando em uma permanente dificuldade na capacidade de amar.

No entanto, se algum dano for causado por eles ao narcisismo infantil, especialmente se esses danos forem de natureza persistente e sistemática, diz Abraham, forçando o hábito da criança antes que esta esteja preparada, ela passará a transferir para os objetos (pai ou mãe, inicialmente) os sentimentos que originalmente se acham ligados ao seu narcisismo. Quando a criança adquire essa capacidade de transferir para os objetos os sentimentos ligados aos seus hábitos de limpeza, ela se torna limpa “pelo amor dessa pessoa”.

(GOMES, 218, p. 379)

Klein (1933/1996) diz haver um simbolismo por trás da evacuação, como se o bebê estivesse expulsando o objeto incorporado, despertando nele sentimentos de hostilidade e crueldade, um desejo de destruição. No sadismo anal, “[...]métodos mais secretos de ataque predominam, tais como o uso de armas venenosas e explosivas”. (Klein, 1932/1997c, p. 165). Neste caso, tem-se a urina e as fezes como venenosas, atribuindo ansiedade e medo aos objetos externos.

Piza e Alberti (2013) descrevem a situação masoquista colocada por Freud, como um posicionamento passivo do sujeito para com a vida e o objeto sexual, podendo ser considerado apenas quando o sujeito ocupa o lugar de objeto em relação ao outro, que assume o lugar atribuído por ele como ativo.

Bergeret (2007) coloca que a relação com o objeto durante esta fase pode despertar o sadismo ou masoquismo, sendo o primeiro uma agressão carregada de prazer contra o objeto, ao perceber que tem poder sobre sua excreção, aprende a controlar a mãe, andando acompanhado de o sentimento de onipotência narcisista; enquanto o segundo refere-se a uma passividade que alcança o prazer através da dor, que, para Blum (1955) é alcançar a satisfação psíquica pela punição. Cabendo ao sadomasoquismo infantil, a criança comportar-se de maneira agressiva com a intenção de apanhar.

2.2.3 Fase Fálica

As fases do desenvolvimento psicosssexual organizam conflitos internos típicos e modos de defesa específicos, na terceira etapa pré-genital, apontada por Zimmerman (1999) como fase edípica, onde o conflito do desejo libidinoso, com fantasias dirigidas aos pais do sexo oposto, no triângulo amoroso antecipa o complexo de Édipo, as crianças reconhecem apenas a genitália masculina, supostamente então todos teriam pênis, não se trata da parte anatômica, mas da função simbólica atribuída ao falo.

A primazia do falo diz respeito a uma representação que se constitui com base na presença/ausência do pênis. É isso, justamente, o que diferencia, na teoria freudiana, a fase fálica da organização genital adulta: a primazia não é dos órgãos genitais, mas do falo. E o falo, nesse caso, não se reduz ao pênis, ele é qualquer objeto investido por nossa libido, tal qual um representante do desejo que proporciona a sensação – sempre enganosa – de completude. Na teoria lacaniana, o falo representará num significante que define como homens e mulheres se posicionam na relação entre os sexos.

(COUTO, 2017, p. 02)

A excitação das mucosas genitais do pênis e indiretamente do clitóris, é responsável por desertar o prazer deste período, muito associado ao prazer uretral, colocado por Fenichel (1953) como uma fase entre anal e fálica, associada a enurese autoerótica, a partir daí o inconsciente da significação ao ato masturbatório. Bergeret (2007) associa essa significação fálica ao sadismo, comparando a micção a uma penetração ativa fantasiosa de destruição, e o ato de urinar, uma fonte prazerosa passiva. Esse “deixar escorrer” (2007, p. 26) colocado pelo autor pode ser analisada em casos de ejaculação precoce nos meninos, e nas meninas é descolada às lágrimas. Esse controle do esfíncter vesical desperta orgulho narcísico.

A masturbação infantil é negada pelos adultos, e essa repressão às fantasias eróticas próprias a essa idade provoca traços profundos e inconscientes na memória, a amnésia infantil, que para Freud (1926) encobre os primeiros anos da infância, até os seis, oito anos, permitindo que quando adultos, as recordações sejam fragmentadas e incompreensíveis, ele a comparou com a anamnésia histérica. Entende-se, pois, que estas memórias são tidas como pré-históricas por ocultarem das lembranças os primórdios da própria vida sexual.

A angústia de castração é a expressão consagrada para designar a reação afetiva que se segue a constatação da ausência de pênis na menina, essa constatação traz consigo, no menino, o medo fantasmático de perde-lo, e, na menina, o desejo de possuí-lo. Essa angústia de incompletude ou da falta determina a angústia de morte, contra a qual a fantasia de desejo de ter uma criança representa uma defesa corrente.

(BERGERET, 2007, p. 28)

A curiosidade sexual infantil é despertada nas meninas, quando percebem que o órgão genital masculino é maior que o delas, há nesse momento a descoberta da diferença anatômica entre os sexos, Bergeret (2007) coloca que até então todos eram vistos como iguais, a consciência da realidade anatômica do pênis é percebida nas crianças durante os “por quês?”, essas perguntas direcionam-se mais a diferença entre os pares opostos, pontua Zimmerman (1999). Nesse momento dá-se o que a psicanálise descreve como cena primária, onde a criança passa a fantasiar a respeito do que acontece no quarto dos pais, a imaginação fantasiosa do coito dos pais desperta a excitação, fazendo com que seja necessário usar das repressões, mecanismos de identificação e projeção.

Silva (2010) define mecanismos de defesa como processos subconscientes desenvolvidos pela personalidade, que agem para a resolução de problemas, são acionados pelo ego, instância construída a partir da identificação e incorporação de objetos externos, é o polo defensivo do psiquismo. Tallaferró (2001) coloca que o ego é responsável por construir barreiras que rechaçam certos impulsos ou solucionam conflitos. Levando em consideração a dinâmica do aparelho psíquico, o ego atua como um protetor quanto as exigências instintivas, é um meio de intermédio.

Freud empregou pela primeira vez essa denominação em 1894, no artigo intitulado: As Neuropsicoses de Defesas, para indicar a resistência do ego aos instintos. Depois substituiu esse termo por uma palavra: repressão. Mas em 1926, em Inibições Sintomas e Ansiedade, voltou a empregar a expressão “Mecanismos de Defesa”, que tem a vantagem de poder ser utilizada como denominação geral de todas as técnicas diferentes que o Ego emprega em sua luta contra as exigências instintivas. A repressão passou a ser apenas uma das técnicas empregadas. (KOTIZENT, 2019, p. 3)

Anna Freud em 1936, descreve nove métodos, atualizados e ampliados de acordo com as contribuições da época, dos mecanismos de defesa, e um décimo como pertencente ao estado considerado normal da mente, são eles, regressão, repressão ou recalque, formação de reação, isolamento, anulação, projeção, introjeção, inversão contra o eu e reversão, e o último a sublimação.

Mas se a identificação é a forma mais antiga do relacionamento afetivo, os primeiros objetos a serem incorporados por esta via não podem ser outros senão os pais. A promoção da identificação à categoria de processo estruturador por excelência da personalidade vai desembocar assim numa reflexão sobre o Édipo e sobre seu complemento necessário, a castração, reflexão cujos passos introduzem a violência no próprio coração da intersubjetividade. (MEZAN, R. 2006, p.278).

Klein, em “Notas sobre alguns mecanismos esquizóides” (1946), foi a primeira a utilizar o termo identificação projetiva, ela diz que a descrição dos processos contidos nele sofre uma grande desvantagem pois essas fantasias surgem numa época em que o bebê ainda não começou a pensar com palavras.

1. Como uma necessária e estruturante defesa primitiva do ego incipiente, por meio de uma expulsão que, desde sempre, o sujeito faz de seus aspectos intoleráveis, dentro da mente de outra pessoa (a mãe, no caso do bebê; o analista, no caso do analisando).
 2. Como uma forma de penetrar no interior do corpo da mãe, com a fantasia de controlar e apossar-se dos tesouros que em sua imaginação a mãe possui.
 3. Identificação projetiva a serviço da empatia, a modificação do material projetado, modifica as representações correspondentes do ego e do objeto e o padrão de relações interpessoais.
- (KOTIZENT, 2017, p. 09)

A internalização, para Kotizent (2017) é adquirir características de outras pessoas para si, tornando-se igual a ela. Sobre a projeção, Freud (1985) definia o movimento em que o sujeito

expulsava algo de si e localizava no outro “pessoa ou coisa – qualidades, sentimentos, desejos e mesmo objetos” que ele desconhece ou recusa nele” (KOTIENT, 2017, p. 9). Este termo é utilizado para designar um modo de defesa primário, comum a psicose, à neurose e a perversão, pelo qual o sujeito projeta num outro sujeito ou num objeto de desejo que provem dele, mas cuja a origem desconhece atribuindo a uma qualidade do outro.

A regressão, afirmada por Freud em 1915, se trata de reinstaurar os estados primitivos, o que significa retornar às fases precoces do desenvolvimento ou ter funcionamento de evitação de conflitos e tensões associados ao nível de desenvolvimento atual da pessoa, ocorre um retorno a formas anteriores do desenvolvimento do pensamento, enquanto o recalque seria a expulsão de impulsos ou ideias inaceitáveis ou o impedimento de que entrem na consciência.

Para Couto (2017) a fase fálica, em que o complexo de Édipo se desenvolve, não tem um prosseguimento até atingir a organização genital adulta, pois é interrompida pelo período de latência, provocando uma pausa no desenvolvimento psicosssexual da criança. Finalizando a organização libidinal, tem-se a fase genital e a consolidação da vida sexual adulta. Se antes, a pulsão sexual partia de diversas zonas erógenas, independentes entre si, ou seja, eram pulsões parciais, agora elas se reúnem sob o domínio da zona genital.

2.2.3.1 Complexo de Édipo

Édipo é um personagem da mitologia grega, citado inicialmente por Aristóteles em sua obra Poética, e por volta de 427 a.C. fez parte de uma tragédia escrita pelo dramaturgo Sófocles. O mito conta a história de Laio, rei de Tebas, que teria sido avisado por um Oráculo sobre seu futuro, ele seria assassinado por seu próprio filho que se casaria com sua mulher, a própria mãe. Para evitar que isso se concretizasse, Laio abandona a criança num lugar distante, colocando-lhes pregos nos pés, para que morresse. Um pastor encontra a criança e lhe dá o nome de Edipodos (pés furados). Essa criança, mais tarde é adotada pelo rei de Corinto. Ao consultar o oráculo, Édipo recebe a mesma mensagem que seu pai Laio recebera anos antes, mas, acreditando que se tratava dos pais adotivos, Édipo foge de Corinto. Em sua fuga, ele se depara com um bando de negociantes, e acaba por matá-los todos em uma briga, sem saber que o líder deles era Laio, seu pai. Ao chegar a Tebas, Édipo decifra o enigma da Esfinge e livra a cidade de suas ameaças, assim recebe o trono de rei e a mão da rainha Jocasta, agora viúva. Os dois se casam e têm quatro filhos, anos depois uma peste chega à cidade, eles consultam o oráculo para resolver essa questão e descobrem que são mãe e filho. Jocasta comete suicídio e Édipo fura os próprios olhos como punição, abandonou Tebas, e desapareceu.

Zimmerman (1999, p. 94) “Esta expressão designa o conjunto de desejos que a criança experimenta com relação a seus pais.” Para Freud, o complexo de Édipo comporta uma forma positiva, que consiste no desejo sexual pelo genitor do sexo oposto e um desejo de morte, ciúme e desaparecimento pelo do mesmo sexo, em se tratar das meninas é denominado como Complexo de Eléctra. Zimmerman (1999) prossegue ao sugerir que se trata do núcleo central de estruturação da neurose, com representação organizadora essencial a personalidade, por no mínimo quatro razões, ele possibilita a triangulação a dinâmica mãe-filho; determina a formação das identificações; a cena primária desperta uma série de sentimentos relacionados a angústia de castração e “é unicamente por meio de uma exitosa resolução da conflitiva edípica que se torna possível o ingresso em uma genitalidade adulta” (ZIMMERMAN, 1999, p. 95).

A fase fálica é importante pois “[...] assinala o ponto culminante e o declínio do complexo de Édipo pela ameaça da castração.” (Garcia-Roza, 2004, p. 106). Durante a vivência edípica, a criança experimenta um movimento erótico de seu corpo em direção ao corpo da mãe e do pai, o que se difere da busca sexual da puberdade que se dirige a objetos fora do seio familiar. Couto (2017) coloca que não importa o meio familiar ou sociocultural em que a criança vive, o complexo de Édipo se desenvolverá e terá interferência sobre a constituição do sujeito.

Para Klein (1945/1996), o complexo de Édipo surge no primeiro ano de vida, com o início da posição depressiva. São os sentimentos depressivos, expressos pelo medo da criança de perder os objetos amados, por causa de seu ódio e agressividade dirigidos a eles, que dá forma às relações de objeto e ao complexo de Édipo. Enquanto Freud (1905/1996) admitia que a vida sexual da criança só era passível de ser observada em torno dos três ou quatro anos de idade, Klein teorizou o desenvolvimento libidinal em estágios psicosssexuais desde o primeiro ano de vida, sendo a relação arcaica com a mãe o principal elemento de constituição do psiquismo.

O complexo de Édipo se trata da descoberta da existência do outro independente do eu, inaugura-se na criança a percepção do outro, é um despertar cognitivo. Com isso instaura-se alguns questionamentos quando analisado na fase adulta, já que se tem consciência de alguém além de si não é possível culpabilizar alguém distinto a si, por suas atitudes. Os eventos infantis são formadores e servem como base estruturante para as possibilidades de ação futuras, mas as decisões são tomadas de maneira individual.

2.4 Relações amorosas

Passos (2017) coloca que o amor para a psicanálise não é edípico, mas narcísico, onde o bebê não se distingue de sua mãe, caso essa tramitação amorosa narcísica seja sucedida, o

amor edípico também assim será, caso contrário, tem-se uma explicação na poesia de Fernando Pessoa (em Poesias, edição LPM, Porto Alegre) “Sinto que sou ninguém, salvo uma sombra; de um vulto que não vejo; e me assombra” sendo o vulto, relacionado a pessoa a quem a criança direcionava seu amor na infância, que transferencialmente é deslocado a outras pessoas. Na concepção de Freud, o amor é considerado uma modalidade de manifestação das pulsões sexuais, desejos que possuem emergência e a escolha do objeto.

As primeiras relações do bebê interferem na sua maneira de amar e ser amado, os vínculos interpessoais reproduzem os intrapessoais e produzem sua repetição, sendo eles bons ou não. As experiências emocionais do bebê diferenciam algumas formas de amar.

Amor simbiótico: ocorre quando o casal se basta, demonstra uma dependência recíproca;

Amor sadomasoquista: apresenta um jogo de recíprocas acusações, cobranças, magoas, ódio com revides de vingança e situações de humilhação na presença de outros;

Amor obsessivo tirânico: onde predomina o controle sobre o outro, através do poder de sustento sobre o outro;

Amor histérico: revive uma configuração vincular onde, por exemplo, reproduz um pai que sustenta a filhinha ou a mãe que cuida do filhinho amado. Quem está no papel da criança costumeiramente existe uma preocupação com a aparência para compensar a sensação de vazio, além de baixa capacidade para superar frustrações. O histérico humilha e inunda o outro com culpas, porém, não comete vingança porque precisa de sua vítima;

Amor paranoide: gira em torno da desconfiança e do ciúme excessivo, que pode configurar o ciúme patológico;

Amor narcisista: a característica mais marcante é que um dos parceiros idealiza o outro. E o que idealiza mantém-se esvaziado, para que o idealizado possa brilhar ainda mais.

Amor perverso: transgridem as normas normalmente aceitas no plano da sexualidade, ética, vínculos familiares e sociais;

Amor platônico: O amor platônico não se fundamenta num interesse, mas em uma virtude, assim se estabelece na beleza e na inteligência. Comum em adolescentes, jovens e em pessoas tímidas com medo de serem rejeitadas.

Amor paixão: Existem várias conceptualizações para a palavra paixão, igual ao que ocorre com o Amor. A palavra paixão vem do Grego, Pathos que significa patologia, dor, sofrimento o qual comumente são carregados destes sentimentos alguns estados de paixão. E, também, Pathos, pode originar o termo passivo, ou seja, é comum uma pessoa apaixonada agir passivamente aos caprichos do outro.

(PASSOS, 2017, p. 1)

Ravanello e Martinez (2013) colocam que a reflexão freudiana se estende a diferentes campos de olhares sob o humano, incluindo a influência da literatura, cabe então questionarmos qual seria a relevância do fenômeno amoroso na obra freudiana. Sabe-se que esta é uma preocupação do autor, tanto que no período de 1910 a 1918, quando escreve Contribuições à psicologia do amor I, II e III. No primeiro texto, Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (1910b/1996), o fenômeno amoroso começa a ser trabalhado, quando este afirma que os homens sempre procuram a mãe em suas escolhas objetivas, seja com mulher comprometida, prostituta, virgens, mulheres que precisam ser salvas ou mulheres maduras. No

segundo texto, sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor o autor salienta a relação entre a depreciação do amor e o fenômeno da repetição, tal como exposto na citação a seguir:

A psicanálise revelou-nos que quando um objeto original de um impulso desejoso se perde em consequência da repressão, ele se representa, frequentemente, por uma sucessão infindável de objetos substitutos, nenhum dos quais, no entanto, proporciona satisfação completa. Isto pode explicar a inconstância na escolha de objetos, o 'anseio pela estimulação' que tão amiúde caracterizam o amor nos adultos (FREUD, 1912/1996, p. 194, grifos nossos).

2.4.1 Amor Narcísico

Para compreender as origens acerca do narcisismo é necessário conhecer o mito de Narciso, filho da ninfa Liríope e do deus do rio, Cefiso um rapaz extremamente belo, que entorpecido por sua beleza, acaba com a própria vida.

[...] um menino tão lindo que as Ninfas já eram apaixonadas por ele desde pequeno. Narciso era seu nome. Tirésias, consultado para saber se a criança teria uma longa vida, respondeu: “Sim, desde que não se conheça”. [...] Eco o viu num dia em que ele caçava cervos tímidos. Eco, [...] naquele tempo ela ainda era uma ninfa, e não uma simples voz. Mas, embora tagarela, sua voz só servia para redizer, como hoje, as últimas palavras que ouve. [...] Ela viu Narciso caçando na floresta e se apaixonou. [...] Mas ele se afasta, “prefiro morrer a te pertencer”, disse ele. [...] As outras Ninfas que moram nas montanhas ou nas fontes também sofreram o desprezo de Narciso. Finalmente, uma delas, [criando coragem], levantou as mãos para o céu e praguejou, em seu desespero: “Que ele também ame, por sua vez, sem ser amado”! [...] Perto dali havia uma fonte cuja água era pura, prateada, desconhecida dos pastores, [...]. Foi ali que, cansado da caça e do calor do dia, Narciso foi se sentar, atraído pela beleza, o frescor e o silêncio do lugar. Mas, enquanto saciava a sede que o devorava, sentiu nascer outra sede, mais devoradora ainda. Seduzido por sua imagem refletida na superfície, ele apaixonou-se por sua própria imagem. Ele confere corpo à sombra que ama: admira-se, fica tão imóvel a olhar que parecia uma estátua de mármore de Páros. Debruçado sobre a superfície, ele contempla seus olhos que pareciam dois astros brilhantes, seus cabelos dignos de Apolo e de Baco, sua face matizada pelos brilhos da juventude, o seu pescoço branco como mármore, a graça de sua boca, as rosas e lilases de sua tez. Ele admira enfim a beleza que o leva a admirar. Imprudente! Ele se apaixona por si mesmo: ele é, ao mesmo tempo, amante e objeto amado; [...] Deitado sobre a grama espessa e florida ele não pode deixar de contemplar a imagem que o desconcerta. [...] Ele chora, a água se turva, [...] Narciso vê sua imagem dilacerada. [...] E, como a cera que derrete com uma leve chama ou o orvalho que se dissipa aos primeiros raios do astro do dia, assim, queimando com uma chama secreta, o infeliz consuma-se e morre. [...] Já se havia preparado a fogueira, as tochas, a

cova; mas o corpo de Narciso havia desaparecido; e no seu lugar as Ninfas só encontraram uma flor de ouro, coroada de alvas folhas. (OVÍDIO, *Metamorfoses*, III, 340-510).

O narcisismo, termo empregado pela cultura grega é um protetor do psiquismo e um integrador da imagem corporal, ele investe o corpo e lhe dá dimensões, proporções e a possibilidade de uma identidade, de um Eu, ele ultrapassa o autoerotismo e fornece a integração de uma figura positiva e diferenciada do outro, conforme aponta Bergeret (2007).

Zimerman (1999) discorre a respeito da posição narcísica, como além de uma importante etapa do desenvolvimento “uma estrutura, um modelo de relacionamento e de vínculo, que opera ao longo de toda a vida” (Zimerman, 1999, p. 156) Conceitualiza narcisismo de diversos modos, de acordo com cada autor, a primeira, por Nacke e Freud, é a perversão.

Em 1910 Freud afirma ser um tipo de escolha, em 1911 é uma fase evolutiva entre a fusão simbiótica mãe-bebê; Schreber coloca como ponto de fixação da psicose; em 1914 é visto como libidinal, Kohut (1971) postula um narcisismo normal e estruturante que sofre transformações no decorrer da vida, sendo uma forma de transferência. Rosenfeld (1971) já o coloca como destrutivo, Grumberger (1979) como uma constante busca da perfeição, entre várias outras definições durante o decorrer dos anos. “Toda situação remete a alguma forma de desamparo, constitui-se, para este tipo de paciente, em uma ferida narcísica. Como as principais matrizes do desamparo são as privações e frustrações.” (ZIMERMAN, 1999, p. 162)

Lacan aponta a encarnação imaginária do sujeito como sustentação da noção do ideal do eu, o eu ideal e o agalma do objeto parcial. “Trata-se do que Freud nos enunciou como sendo o essencial do enamoramento [...] ou seja, o reconhecimento do fundamento da imagem narcísica, na medida em que é esta que constitui a substância do eu ideal.” (LACAN, 1961, p. 162).

Em seu texto de 1914 sobre o Narcisismo, Freud destaca a posição dos pais na constituição do narcisismo primário dos filhos, o autor aponta que o amor dos pais aos filhos é o narcisismo dos pais renascido e transformado em amor objetal. O Narcisismo primário representaria de certa forma, uma espécie de onipotência que se cria no encontro entre o narcisismo nascente do bebê e o narcisismo renascente dos pais.

No caso do narcisismo secundário, (FREUD, 1914) tem-se em dois momentos, primeiro o investimento nos objetos; e depois esse investimento reforma para o seu ego. Quando o bebê já é capaz de diferenciar seu próprio corpo do mundo externo, ele identifica suas necessidades e quem ou o que as satisfaz; o sujeito concentra em um objeto suas pulsões sexuais parciais, há

um investimento objetal, que em geral se dirige para a mãe e o seio como objeto parcial.

Narcisismo secundário manter a integridade dos limites da própria pele, libido voltada para si garantindo a manutenção de algumas condições fundamentais, narcisismo disfuncional, pensando em si, nos seus sentimentos e no que ela precisa, incapacidade de considerar a existência do outro.

Alguns autores descrevem a pessoa narcísica como alguém que não se preocupa com o outro, ou aqueles que se preocupam e cuidam através de atos altruístas, desejando serem percebidos. Uma pessoa que age em função de suas necessidades, ao se tratar de alguém extremamente frágil que provavelmente teve experiências frustradas em suas tentativas de confiar, sua fragilidade é denunciada através da pouca confiança que responde ao mundo.

2.5 A escolha do objeto amado

O desejo de saber o que é o amor, difere de amar, sentir é permitir acontecer, é desejar existir, é não saber descrever, mas querer conhecer e assim viver. Luiz Vaz de Camões (1595) em um de seus sonetos, o 003 descreve a impossibilidade de saber o que é amar e o que é de fato o amor.

Busque Amor novas artes, novo engenho

Busque Amor novas artes, novo engenho,
para matar me, e novas esquivanças;
que não pode tirar me as esperanças,
que mal me tirará o que eu não tenho.

Olhai de que esperanças me mantenho!
Vede que perigosas seguranças!
Que não temo contrastes nem mudanças,
andando em bravo mar, perdido o lenho.

Mas, conquanto não pode haver desgosto
onde esperança falta, lá me esconde
Amor um mal, que mata e não se vê.

Que dias há que n'alma me tem posto
um não sei quê, que nasce não sei onde,
vem não sei como, e dói não sei porquê.
(CAMÕES, 1595, soneto 003)

Várias formas de escolha de parceiro foram identificadas por diferentes autores, segundo Eiger (1985), Freud foi o primeiro, em 1914, a distinguir a escolha edípica, depois a escolha anaclítica e em seguida a escolha narcisista.

Damasceno e Valente (2013) sintetizam estes modos, considerando a escolha objetal anaclítica ou assimétrica, como representante da busca do homem ou da mulher por um parceiro

que o ampare e apoie, alimentando a pulsão de conservação dos pais da infância, e domine a angústia da perda das figuras parentais. Ama-se segundo o modelo do amor recebido na relação com as figuras parentais, aquela que alimenta, aquele que protege. A identificação seria mútua e cada um idealiza o outro, julgando-se conhecedor do que deve fazer para suprir as necessidades do outro.

A escolha objetal narcisista ou simétrica, para Freud (1914) distingue a escolha narcisista como a busca de um objeto que se assemelha ao que se é, ao que se foi, ao que se gostaria de ser ou à pessoa que foi uma parte de si próprio. É uma proposta infantil para um e acentua o papel parental para o outro. O vínculo se estabelece a partir de uma ideia de onipotência, orgulho e ambição. Há um jogo sadomasoquista na relação, esse poder desperta uma forte atração no outro, que fascinado, idealiza o parceiro e projeta sobre ele seu ego ideal narcisista, para identificar-se com ele e se empresta um Ego aceitável (WILLI APUD EIGUER, 1985).

Já a escolha objetal edípica ou dissimétrica, trata-se de uma escolha regida pela identificação madura e adulta ao pai do mesmo sexo, procurando o significado de sua relação amorosa, de interação homem-mulher, baseados nas vivências satisfatórias em suas famílias de origem. Não se deve acreditar que a escolha de objeto é uma questão simples, deve-se admitir que as variantes para esta escolha podem se associar, os aspectos intervir simultaneamente, tornando-se muito complexo, podendo também evoluir historicamente de um modelo para outro, de modo a se permitir níveis crescentes de integração. (DAMASCENO E VALENTE, 2013, p. 5)

2.6 Relacionamento Tóxico

Um relacionamento abusivo é definido pelo excesso de poder de uma pessoa sobre a outra dentro de um relacionamento afetivo, no qual um parceiro extremamente ciumento quer controlar as atitudes e decisões do outro, tentando isolá-lo do restante do mundo. Como algumas características destes relacionamentos são normalizadas pela sociedade, em muitas das vezes a vítima não consegue entender o que está de fato acontecendo, só tomando consciência quando o abuso passa de mental para físico (MOREIRA, 2016) Este movimento de violência é sutil e, muitas vezes, imperceptível para ambos, tanto agressor quanto vítima, e com frequência, a vítima tende a justificar o padrão de comportamento de seu agressor (SILVA, 2007).

A romantização desse tipo de relacionamento, de acordo com Oliveira, Ávila, Bastos e Vasconcelos (2016) é comum e diz respeito à transposição de uma realidade violenta e problemática para a forma de romance, como uma espécie de glamourização do abuso,

tornando-o poético e desejável. Ao tratar dessa romantização, espera-se que as pessoas façam a conexão entre uma cultura que sexualiza, perdoa, tolera e glorifica situações abusivas e a violência da vida real (ROPER, 2017). A transmissão dessa mensagem é constantemente presente no dia a dia das pessoas, através da música, literatura, cinema, TV, entre outros meios, e por muitas vezes não é recebida de forma apropriada. Como expressa Hirigoyen (2006, p.13): “o parceiro, sem desferir o menor golpe, consegue destruir o outro.”

Tanajura (2020) diferencia relações tóxicas de relações abusivas, apontando que a primeira refere-se a possível caricatura de um vampiro sugando a energia de alguém para sentir-se vivo, nela as agressões limitam-se ao campo psicológico, onde o agressor tende a diminuir o outro para que se sintam bem, sem ter clareza do mal que proporciona, por isso, quando o parceiro lhe expõe a situação existe o sentimento de culpa, mas é passageiro, criando assim um ciclo vicioso entre atitudes ruins e arrependimento. Já no relacionamento abusivo existe de fato a intenção de controlar o outro, para tal o agressor pode fazer uso de ataques psicológicos, controle financeiro e até mesmo da agressão física, mostrando-se mais presente nas relações afetivas entre casais, enquanto a toxicidade pode ocorrer entre pessoas que mantêm uma relação próxima, dentro do ambiente de trabalho, familiar, entre outros.

Sendo assim, de acordo com Motta (2017) um relacionamento que nunca deixou marcas físicas, pode ser causador de traumas permanentes no psiquismo de suas vítimas, são responsáveis por marcas invisíveis, e mesmo com o grande número de casos que apontam os homens como dominadores, há também aqueles em que são dominados por mulheres. Não há idade, sexo, nem mesmo experiência de vida suficiente para impedir uma pessoa de se apaixonar por um possível futuro agressor.

Esse tipo de relacionamento é comumente mantido por pessoas dependentes, já que elas possuem maior dificuldade de romper vínculos, justamente criar uma dependência do outro, ou até mesmo, de acordo com Busin (2018) acreditam que por algum motivo são merecedoras do sofrimento, encarando a relação como um ato de punição.

Dias (2019) aponta que as pessoas apresentam comumente um ou mais comportamentos tóxicos, e não necessariamente vivenciam uma relação tóxica, o que define este tipo de relacionamento é a consistência e intensidade com que esse tipo de atitude é apresentada. A autora caracteriza o agressor abusivo como alguém sedutor, gentil e amável no começo, mas a partir do momento em que percebe que sua vítima encontra-se vulnerável e dependente, iniciando o filme de terror, demonstrando seu lado controlador, intolerante e imprevisível, despertando no parceiro sentimentos como culpa, e a sensação de ser digna de tudo aquilo que lhe ocorre.

A ambiguidade vivida no amor é representada através de muitas canções em diversos períodos da história, as músicas atualmente tem uma proposta de relatar diversos tipos de sentimento, através de histórias cantadas em pequenos trechos proporcionam ao ouvinte identificarem-se, essa dúvida sobre o que sente é expressada claramente em uma música dos cantores Henrique e Juliano (2012).

Eu te amo e te odeio
Você me acertou em cheio
Me tornei refém do seu poder
Eu te procuro e não te acho
Sinto que falta um pedaço
O meu eu não vive sem você

(OLIVEIRA, COELHO, 2012)

O amor e o ódio se fazem presente na maioria das relações humanas, incluindo os relacionamentos amorosos, independentemente da faixa etária dos envolvidos. De todas as características humanas a agressividade é uma das mais fáceis de ser escondida, disfarçada e, em muitos casos, podendo até mesmo ser atribuída a fatores que não derivam da personalidade humana, mas sim relacionadas a fatores externos que cercam o agressor. E, diante disso, se torna difícil a compreensão dos motivos que as deram origem (WINNICOTT, 1999, p.89).

Mattes e Rocha (2016) pontuam que as mulheres são as maiores vítimas de agressões dentro dos relacionamentos amorosos, sendo efetuado pelos mais diversos motivos, sendo o ciúme o principal deles, decorrente desta situação a ONU elaborou uma resolução que explica a violência contra a mulher como sendo, “Qualquer ato de violência baseado na diferença de gênero, que resulte em sofrimentos e danos físicos, sexuais e psicológicos à mulher; inclusive ameaças de tais atos, coerção e privação da liberdade seja na vida pública ou privada” (ONU, 2005, p. 6)

Diante do exposto, as mulheres tem seus direitos assegurados por lei, entretanto não é possível impedir que muitas entrem em relacionamentos não saudáveis, e que mantenham este tipo de relação por tempo indeterminado, sem ao menos terem consciência do que de fato está se passando. Em 2006, foi sancionada no Brasil a Lei nº 11.340, conhecida como Lei Maria da Penha, que se refere a mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, é um marco na luta pela igualdade de direitos e no combate a violência contra a mulher, trazendo em seu artigo 5º a configuração da violência doméstica e familiar contra a mulher como sendo qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial (PRESIDENCIA DA REPÚBLICA, 2006).

Leis como esta são criadas como meio de proteger milhares de mulheres que sofrem situações de violência dentro de seus relacionamentos amorosos, de seus parceiros, aqueles em que tanto confiam. Marques (2005) coloca que muitas continuam com a relação abusiva durante um tempo por ainda terem esperança e acreditarem em um sentimento que não existe mais, no intuito de que seus parceiros irão mudar e que não passa de uma situação transitória e não internalizada em sua personalidade. Ocorre que estes relacionamentos continuam até o momento em que estas mulheres compreendem sozinhas ou com ajuda de terceiros que as ações não são somente ocasionais, e podem gerar danos permanentes em suas vidas.

Independente da nomenclatura dada a relação íntima afetiva, para Mattes e Rocha (2016) enquadrada entre ficar, namorar, noivar, casar, tanto no mundo real quanto no virtual, o controle sobre a vida e comportamento do outro pode se mostrar potencializado, referindo-se a roupas, redes sociais, convívio com amigos, familiares, lugares que frequentam, apontando que em algumas ocasiões o controle ganha contornos de obsessão e toma forma de perseguição, podendo desencadear em agressões físicas.

As situações de controle nos relacionamentos muitas vezes não são consideradas pelos jovens como violência, enquanto não atingem um nível de obsessão. Entretanto, apesar de não parecem situações violentas, elas atingem o psicológico de quem sofre o controle e pode trazer muitos danos para a saúde.
(MATTES; ROCHA, 2016, p. 11)

No cenário musical nacional e internacional, há diversas músicas que abordam sobre relacionamentos abusivos e violência contra a mulher pelas vozes de cantoras que revelam as mais variadas formas de manifestação do abuso e os sentimentos que surgem a partir dele (VALKIRIAS, 2016). Em 2004, a cantora brasileira Kelly Key lançou a música Por Causa de Você, que retrata veemente uma relação de posse e controle, onde há completa abdicação de características próprias para satisfazer as vontades do parceiro.

Por causa de você
Não uso mais batom
Rasguei meu short curto
Diminui meu tom
Troquei os meus amigos
Por alguém que só me arrasa
Por causa de você
Não posso mais entrar em casa
Por causa de você
Perdi minha liberdade
Te entreguei minha vida
Só fiz tua vontade
Briguei com o mundo
Larguei tudo
Eu não olhei pra trás
E agora vem você
Me dizendo que não quer mais
(ANDINHO, 2003)

A violência psicológica é a principal característica de uma relação afetiva abusiva, se trata de comportamentos que tem a intenção de diminuir, manipular, controlar, humilhar, chantagear ou/e quaisquer outros atos que visem causar danos emocionais a vítima. Por ser uma violência de difícil constatação, a vítima, por não conseguir compreendê-la, sofre em silêncio, transformando-o em diversos problemas mais graves, como depressão, fraqueza, baixa autoestima, insegurança e até mesmo suicídio. (OLIVEIRA, ÁVILA, BASTOS, VASCONCELOS, 2016)

É praticamente impossível estabelecer uma distinção entre violência psicológica e violência física, pois quando um homem estapeia sua mulher a intenção não é de deixa-la de olho roxo, e sim de mostrar-lhe que é ele quem manda. O ganho visado pela violência é sempre a dominação.
(HIRIGOYEN 2006, p.13)

Em alguns casos, quando a vítima finalmente percebe a condição de dominação e abuso, e ameaça o rompimento do relacionamento o abusador pode agir de modo a lesionar a honra objetiva e subjetiva da mulher, caracterizando assim a violência moral, que perpassa pela violência verbal e se efetiva por meio de três crimes: calúnia, difamação e injúria, quando o agressor busca de alguma maneira macular a imagem da vítima. Além do medo, da dependência emocional e financeira, o sentimento de culpa faz com que muitas dessas mulheres permaneçam em silêncio sobre o que passam ou passaram. (OLIVEIRA, ÁVILA, BASTOS, VASCONCELOS, 2016)

A violência nos relacionamentos em sua grande maioria das vezes tem início através do controle psicológico e posteriormente pode evoluir para outro nível, entretanto para impedir essa evolução de tratamento é preciso ter conhecimento acerca do que é uma relação saudável e como se dá uma relação tóxica, a falta de discernimento sobre estas informações facilita a permanência em relacionamentos abusivos com altos índices de periculosidade, como aponta Taquette (2009).

As mulheres jovens que sofrem violência apresentam maior propensão a distúrbios psiquiátricos, têm menor autoestima, são mais inseguras e, quando grávidas, sofrem maiores riscos de abortamentos e mortalidade materna. Podem-se identificar antecipadamente parceiros potencialmente violentos quando se percebe que são excessivamente controladores, têm expectativas irrealistas em relação à parceira, apresentam-se cruéis com animais e crianças, cometem abusos verbais e/ou têm histórico de relações violentas no passado.
(TARQUETTE, 2009, p. 4)

Desde que a sociedade se organizou como tal, para Santiago e Coelho (2011) homens e mulheres são tratados de formas distintas e, dentro desta distinção a mulher tem sido alvo frequente de todos os tipos de violência, provocadas por inúmeros fatores, inclusive pelo simples fato de ter nascido mulher. Os homens, na sociedade ocidental, culturalmente, sempre

foram vistos como seres superiores as mulheres, o que atualmente, a passos lentos, vem se modificando. Porém, a violência contra as mulheres atingem os diversos setores, tendo estes seus direitos violados, com argumentos baseados em crenças arcaicas, alicerçados em uma cultural tradicionalmente beneficiária dos homens, e o medo e dependência faz com que muitas mulheres se privem de sua liberdade e mantenham relacionamentos abusivos, colocando em risco sua própria vida.

2.6.1 Ciclo Abusivo

Meloni (2020) caracteriza o ciclo do relacionamento abusivo através de passos que se repetem, relação abusiva, dependência emocional, perda de recursos emocionais, vulnerabilidade, e retorna à relação abusiva. O primeiro passo é instaurado através das restrições impostas, juntamente aos ataques e chantagens emocionais, gerando na vítima sentimento de culpa e sensação de desvalorização. A perda de recursos emocionais, faz com que a pessoa se sinta emocionalmente empobrecida, direcionando a vulnerabilidade, que por sua vez reflete diretamente em uma dependência emocional, ficando dependente da aprovação alheia.

Para Rocha (2016) o ciclo possui quatro fases, inicia-se pela tensão, que surge em momentos inesperados, há interrupção na comunicação, o alvo sente-se ameaçado, com medo e confusão mental, tenta apaziguar, compensar e reverter o comportamento de seu abusador. Então surgem os incidentes, costumam ser através de abuso verbal, emocional ou físico, as brigas, ameaças, intimidações acompanham vitimização, que despertam uma culpabilização por parte da vítima. A reconciliação é o período em que existe o pedido de desculpas, e promessas de não repetir o acontecido, o indivíduo culpa o alvo por seu comportamento agressivo, minimiza as reações do alvo, que se esforça para evitar novos desentendimentos, logo após inicia-se a lua de mel, momento em que o incidente é esquecido, há uma pausa nos comportamentos abusivos, a vítima acredita ter exagerado e volta acreditar na relação. Em breve, o ciclo retorna a tensão.

Luciano (2018) coloca que as relações tóxicas iniciam-se de forma gradual, a princípio não há nenhuma característica de abuso, mas com o passar do tempo o comportamento se torna evidente, este início faz com que haja dificuldade em reconhecer ou identificar as características tóxicas da relação, tornando o rompimento mais complicado.

O enamoramento, citado por Lacan (1961) acontece devido o apaixonamento, momento em que a pessoa se entrega a fragilidade original, por isso naturalmente existe o medo de amar,

pois ao entregar-se ao outro todas as estruturas do eu são questionadas. A sensação de preenchimento e entregar-se a alguém, permitindo ser por ele nutrido, em um momento de entrega absoluta, tem como sua outra face a dependência emocional. Conforme observado na teoria Lacaniana e Freudiana, as pessoas tendem a reproduzir aquilo que vivenciaram, por isso dentro do relacionamento tóxico, pode ocorrer do parceiro não perceber o mal causado a parceira, apenas aqueles que possuem consciência de seus atos, agindo intencionalmente de modo a denegrir e fragilizar o outro, são considerados perversos.

Alegretti (2020) pontua que existem diversos tipos de violência, como verbal, emocional, psicológica, física, sexual, financeira, tecnológica. E neste tipo de relacionamento há uma discrepância no poder de um em relação ao outro, existe uma desigualdade nítida.

2.7 A psicanálise e a literatura

A literatura é vista como a arte de criar e recriar, para Simões (2017) ela antecede a psicanálise e através das palavras escritas ou faladas torna possível acessar a realidade psíquica, revelada como manifestação do inconsciente, “Há um rumor em cada discurso, uma palavra dita, uma palavra não dita, uma reticência, uma interrogação. Há uma aposta no desejo do sujeito. Esse rumor interessa à Psicanálise.” (SIMÕES, 2017, p. 160)

Acreditamos que a Psicanálise pode ser vislumbrada como a possibilidade de, pela fala, o sujeito reeditar sua história, desde que haja uma demanda, uma língua, um analista, um analisante. Buscamos salientar que a fala pode ser compreendida também como aquilo que o sujeito é capaz de editar pela escrita. Dessa maneira, a escrita nos interessa, pois ela é uma modalidade de refazer o laço social: em lugar do laço perdido com o Outro da infância, ou seja, com a família, a escola, os amigos. O ato de escrever, tal como o ato sexual, para Lacan, testemunha o hiato que existe entre cada Um e o Outro. O ato da escrita possibilita arrancar a angústia, afeto que não camufla, pois diante do objeto causa de desejo, o sujeito se angustia.
(SIMÕES, 2017. p. 170)

A verdade é estruturalmente fictícia, implicando uma dimensão fantasmática, a escrita por sua vez comporta o objeto de modo a construir um novo sentido ao não dito, para Lacan (1959/2008, p. 09)

Freud, em Estudos sobre a histeria (1893-1895) detalha seu trabalho com Joseph Breuer e revela que a forma como o sintoma é apresentado no trabalho analítico, pela associação livre, no nível do não dito, só é possível ser percebido devido a linguagem, sendo assim, a comunicação é decisiva na formação e estruturação do sujeito “[...] comunique tudo o que lhe ocorre, sem crítica ou seleção” (FREUD 1912/1980, p. 150) e a arte possibilita encaixar as verdades em histórias, considerando que o inconsciente é alimentado pelo universo simbólico.

Fonseca (2013) associa a literatura diretamente a prática psicanalítica, determinada como base para diferenciar neurose, psicose e perversão. Descreve a utilização da arte como responsável por trazer as fantasias e questões subjetivas à tona, visto que a verdade pode ser considerada uma ficção. A autora compara a beleza de uma obra literária ao estranhamento de deparar-se com o próprio reflexo no espelho, semelhante ao processo analítico, onde o sujeito abre espaços para lidar com as diversas formas de seus sintomas, a leitura é um estilhaçar-se de ideias e a literatura encontra-se num campo plural de ações psíquicas: temores, desejos, gozos, opressões.

Barthes (1984) afirma que a literatura é muito além da leitura de textos, lê-se rostos, ações, imagens, gestos, tudo aquilo que possibilita aderir significado ao simbólico, por isso ultrapassa o formato de palavras impressas e manuscritas, possui símbolos, signos, para o autor ler, escrever, falar e ouvir são ações expressas dos desejos ou repulsas sublimados.

Afirmamos que o inconsciente se manifesta justamente pela falência da linguagem: vazios, reticências, atos falhos, que são, na verdade, elementos estranhos à narrativa. Podemos dizer que são furos da linguagem daquilo que é impossível de dizer? A escrita escorre nas tessituras imaginárias de um texto, vindas do inconsciente, manifestando-se nos espaços, naquilo que não se alcança todo.
(SIMÕES, 2017, p. 171)

CAPÍTULO III

METODOLOGIA

A metodologia empregada na pesquisa será descrita neste capítulo, que visa explicar os procedimentos utilizados.

3.1 Tipo de Pesquisa

Gil (2002, p.17) define pesquisa como o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. Marconi e Lakatos (2005) acrescentam ainda que a pesquisa necessita de tratamento científico, e objetiva o conhecimento de uma realidade ou de verdades parciais.

Os dados literários que direcionaram o desenvolvimento da presente pesquisa encontram-se na revisão de literatura, com base neles, o levantamento de dados foi definido como exploratório, que, de acordo com Gil (2002, p. 27) “tem por finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos.”

A necessidade de se realizar uma pesquisa existe a partir do momento em que não são encontradas informações suficientes para responder ao problema em estudo, ou quando as informações se desencontram, ou não são suficientemente palpáveis de modo a se relacionarem ao problema (GIL, 2002).

Para Castells (2004) a comunicação é a base da atividade humana, e a Internet está mudando o modo como nos comunicamos, dado que ela é o primeiro meio que permite a comunicação de muitos para muitos a uma escala global e no tempo escolhido pelas pessoas. Atualmente as principais atividades econômicas, sociais, políticas e culturais estão estruturadas através da Internet (CASTELLS, 2004).

Kotler (2006) enfatiza que o processo de pesquisa pode ser classificado como um processo comunicativo entre o pesquisador e o pesquisado. Dessa forma a Internet, como meio

de comunicação, pode oferecer várias oportunidades a serem exploradas para a realização de pesquisas, dado que possui diversas funcionalidades. As aplicações mais conhecidas da Internet são o correio eletrônico, a navegação em sites na Rede e a participação em redes sociais e outros grupos (O' BRIEN, 2004)

Construir um questionário consiste basicamente em traduzir objetivos da pesquisa em questões específicas. As respostas a essas questões é que irão proporcionar os dados requeridos para descrever as características da população pesquisada ou testar as hipóteses que foram construídas durante o planejamento da pesquisa”
(GIL, 2002, p. 121)

As pesquisas on-line são consideradas semelhantes metodologicamente às pesquisas realizadas utilizando questionários autopreenchidos ou por telefone, diferindo apenas na maneira como são conduzidas. Utiliza-se dois meios para esse tipo de pesquisa, conduzidas em uma página na Internet, ou com o uso do e-mail, sendo que na primeira o instrumento de coleta de dados deve ser postado na rede para que os usuários acessem e respondam-no, já na segunda opção o instrumento é enviado para o endereço particular da pessoa, não sendo necessário que ela visite outras páginas na Internet (ILIEVA et al., 2002)

3.2 População Amostra

O presente estudo será realizado na cidade de Sinop, Mato Grosso, por se tratar de um questionário utilizado para a coleta de dados disponibilizado através da internet, com a intenção de alcançar como nível da amostra em média 50 pessoas, considerando o tipo de pesquisa, os entrevistados não necessariamente estarão localizados na cidade acima descrita.

Vinuto (2014) especifica o método bola de neve, “snowball sampling” como um meio de amostragem não probabilística, que parte da utilização de cadeias de referência, pontuando que “a partir desse tipo específico de amostragem não é possível determinar a probabilidade de seleção de cada participante na pesquisa, mas torna-se útil para estudar determinados grupos difíceis de serem acessados.” (VINUTO, 2014, p. 203)

Biernacki e Waldorf (1981), colocam a amostragem por bola de neve como visada ao se referir a alguns tipos específicos de população, um deles é ao se referir a questões problemáticas as quais os entrevistados não desejam se vincularem.

Em suma, a amostragem em bola de neve mostra-se como um processo de permanente coleta de informações, que procura tirar proveito das redes sociais dos entrevistados identificados para fornecer ao pesquisador com um conjunto cada vez maior de contatos potenciais, sendo que o processo pode ser finalizado a partir do critério de ponto de saturação
(VINUTO, 2014, p. 204)

Ao iniciar o projeto de pesquisa considera-se algumas características do sujeito, o presente questionário destina-se ao público de gênero feminino, com idade preferencialmente entre 20 e 60 anos, não importando raça, condição socioeconômica e cultural, é necessário apenas ter a consciência de que já manteve um relacionamento tóxico, para abranger o público que se interessará pelo tema, é possível avaliar as repostas de mulheres que ainda mantêm relação com o parceiro ou parceira, desde que considerem o relacionamento como tóxico.

3.3 Coleta de Dados

Como instrumento inicial foi desenvolvida uma revisão de literatura encontrada no capítulo II, a cerca do entendimento sobre o respectivo conteúdo, as relações foram descritas a partir da visão de diferentes teóricos, como Freud, Lacan, Klein.

A coleta de dados será realizada por meio da disponibilização de um questionário contendo 3 questões fechadas e 8 abertas, sendo solicitado ao respondente que ofereça sua resposta, sendo dirigido a pessoas que já passaram pela experiência de um relacionamento tóxico, cabendo também as que estão vivenciando esta situação.

O questionário, classificado segundo Mattar (2008) como autopreenchido, em que o pesquisado lê o instrumento e o responde diretamente sem a intervenção do entrevistador, será disponibilizado em uma página da internet, e direcionado individualmente a pessoas que já relataram ter tido uma relação tóxica e conhecem outras mulheres que passaram pelo mesmo, por isso a amostragem foi denominada como bola de neve. sendo que este método pode ser.

3.4. Análise de Formulário

Localizado no apêndice, o modelo de questionário semiestruturado que será utilizado contém questões abertas e fechadas, direciona-se a compreensão da dinâmica de relacionamentos tóxicos e abusivos, e os motivos que conduzem as atitudes de um dos lados desta relação, o da mulher.

3.4 Considerações Éticas

As respondentes não irão ter sua identidade revelada, suas histórias e repostas não serão relacionadas a elas, e não será divulgado em nenhum outro meio, além da obtenção de resultados para a pesquisa apresentada. O sigilo ético e profissional será mantido, pautado no código de ética profissional do psicólogo.

REFERÊNCIAS

ABRAHAM, Karl. Contribution à l'psychanalyse des névroses de guerre. In: *Oeuvres complètes*. Paris, Payot, 1966. v.2.

ALLOUCH, Jean,. **Amor Lacan**. 1. ed. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2010.

BACHELARD, Gaston. **O ar e os sonhos: ensaio sobre a imaginação do movimento**. Tradução: Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Trad.: Mário Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BETTELHEIM, BRUNO. **A Psicanálise dos contos de Fadas**. Tradução de Arlene Caetano Ed 16, Paz e Terra, 2002. Disponível em: http://fernandomaues.com/noigandres/textos/ensino/a_psicanalise_dos_contos_de_fadas.pdf. Acesso dia 08 de Março de 2020.

BECKEL, Gilcia Gil. **Literatura e psicanálise, qual a relação?** Artigo apresentado na III Jornada de Psicanálise do Fórum Baiano de Psicanálise. Escola Lacaniana da Bahia, dezembro de 2004.

BION, Wilfred. **Conversando com Bion**. Rio de Janeiro, Imago. 1992.

BRANCO, Felipe Castelo. **Sobre o amor e suas falhas: uma leitura da melancolia em psicanálise**. Vol 22, Nº 1, Rio de Janeiro, Agora, 2014. Disponível em <tps://www.scielo.br/pdf/agora/v17n1/a06v17n1.pdf> Acesso dia 22 de Junho de 2020.

BRANDEN, N. **A Psicologia do Amor: o que é o amor, por que ele nasce, cresce e às vezes morre**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2002.

CAMPAGNARO, Sara, SEMENSATO, Ana Cláudia Ribeiro, VIEIRA, Jorge Antônio. **Amor Romântico: crítica de Jean Paul Sartre**. Akrópolis, Umuarama. Vol 21, Nº 1, 2013.

COLASANTI, Marina. **“Para que ninguém a quisesse”**. In: Contos de amor rasgados. Rio de Janeiro: Rocco, 1986. p. 111-2

COUTO, Daniela Paula. **Freud, Klein, Lacan e a constituição do sujeito**. Psicologia em Pesquisa, UFJM, 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psipesq/v11n1/04.pdf> acesso dia 22 de Junho de 2020.

CRUZ, Ana. **Entenda como funciona o ciclo do abuso em um relacionamento tóxico**. Psicoterapeuta Ana Cruz, 2017. Disponível em <https://anacruzoficial.com/2017/10/entenda-como-funciona-o-ciclo-do-abuso-em-um-relacionamento-toxico/> Acesso dia 01 de Julho.

DAMASCENO, Elenise Roldan Melgarejo, VALENTE, Maria Luisa Louro Castro. **Para além dos contos de fadas: o ideal e o real no pensamento das mulheres sobre o casamento**. Disponível em http://www2.assis.unesp.br/encontrosdepsicologia/ANAIS_DO_XIX_ENCONTRO/140_ELENISE_ROLDAN_MELGAREJO_DAMASCENO.pdf Acesso dia 19 de Junho de 2020.

DARRIBA, Vinicius. **A fatal conceituada por Laca: da coisa ao objeto a**. Rio de Janeiro, Ágora, Vol XII, Nº 1, 2005.

DIAS, Cláudia. **Não sabe se vive um relacionamento tóxico ou abusivo? Entenda as diferenças**. UOL, 2019. Disponível em <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/05/28/nao-sabe-se-vive-um-relacionamento-toxico-ou-abusivo-entenda-as-diferencas.htm> Acesso dia 03 de Julho.

EIGUER, Alberto. **Um divã para a família**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FENICHEL, Otto. **Teoria Psicanalítica das Neuroses: fundamentos e base da doutrina psicanalítica**. Atheneu, 2005.

FERNANDES, Amarildo. **Amor inventado e Amor romântico em psicanálise**. Psicanálise clínica, 2019. Disponível em <https://www.psicanaliseclinica.com/amor-inventado-amor-romantico/> Acesso dia 26 de Junho de 2020.

FINGERMANN, Dominique. **Amar adentro**. Stylus, Revista de Psicanálise, Rio de Janeiro. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/stylus/n30/n30a10.pdf> Acesso dia 12 de Junho de 2020.

FONSECA, Maria Luísa Ferreira. **Literatura e Psicanálise: algumas associações**. Psicologado, 2013. Disponível em <https://psicologado.com.br/abordagens/psicanalise/literatura-e-psicanalise-algumas-associacoes> Acesso dia 18 e Julho de 2020.

FREUD, Sigmund. (1907). **O esclarecimento sexual das crianças**. Rio de Janeiro: Imago, 1996

FREUD, Sigmund. (1910b). **Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (contribuições para psicologia do amor I)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. (1914) **Sobre o Narcisismo: Uma Introdução**. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

FREUD (1915a). **Observações sobre o amor transferencial (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise III)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FROMM, Erich. **A Arte de Amar**. Belo Horizonte, Itatiaia, (1956/200)

GOMES, Sérgio. **Silêncio e Verbalização: a matriz metapsicológica de Karl Abraham e Robert Fliess**. Rio de Janeiro, Agora, Volume 21, Nº 3, 2018.

GUTIÉRREZ, Jorge Luiz. **Qual é o poema de amor mais antigo da humanidade**. Revista Pandora Brasil, Nº35, 2011. Disponível em http://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/Poesia_corpo/jorge.pdf Acesso dia 08 de Maio de 2020.

HERNANDEZ, José Augusto Evangelho, OLIVEIRA, Ilka Maria Biasetto. **Os componentes do amor e a satisfação**. Psicologia Ciência e Profissão, 2003. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/pcp/v23n1/v23n1a09.pdf> Acesso dia 10 de Junho.

COUTINHO, Jorge Marco Antonio. **Angústia e Castração**. Revista Psicanalítica, Belo Horizonte, Vol 19, Nº54, 2007. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/reverso/v29n54/v29n54a06.pdf> acesso dia 28 de Junho de 2020.

LIMA, Maria Catarina Volite; BARROS, Elis; AROUCHA, Thaís Paim Marinho, AROUCHA, Tarsila. **Amor Romântico: a essência da procura do ser amado**. Psicologado, 2013. Disponível em: <https://psicologado.com.br/psicologia-geral/desenvolvimento-humano/amor-romantico-a-essencia-da-procura-do-ser-amado>. Acesso em 20 de Junho de 2020.

LAURU, Didier. **O Enamoramento e o Amor de Transferência**. Estilos da Clínica Vol. VII, nº 13, 2002. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/estic/v7n13/13.pdf>. Acesso dia 18 de Maio de 2020.

MATTAR, F. N. Pesquisa de marketing: metodologia, planejamento. São Paulo, 6ª Ed.: Atlas, 2008.

MATTES, Etieli Guareschi; ROCHA, Nathália Facco. **Adolescentes e os Relacionamentos abusivos: a tendência a se concretizar em casos de violência doméstica contra a mulher**. Disponível em <https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sidssp/article/viewFile/15866/3763> acesso dia 05 de Agosto de 2020.

MEDEIROS, Tâmara Duarte, SALUSTINO, Rariela Valeska da Silva, RODRIGUES, Hermano de França. **Corpos que perecem, Amores que Perduram: Psicanálise e envelhecimento**.

MELO, Juliana Aguiar. **Estou vendendo um realejo, quem vai levar? O amor romântico e o amor patológico em questão**. Revista de Psicologia, Vol. 13, Nº 18, 2010.

MEZAN, Renato. **Freud: A Trama dos Conceitos** (4a ed). São Paulo: Perspectiva, 2006.

MISHIMA, Fernanda Kimie Tavares. **A experiência do vínculo amoroso: ser um ou ser dois?** Revista da SPAGESP, Vol. 9, Nº 2. São Paulo, 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rspagesp/v9n2/v9n2a04.pdf> Acesso dia 16 e Junho de 2020.

MOTTA, Thuany. **Relacionamentos tóxicos deixam marcas invisíveis**. O Tempo, 2017. Disponível em <https://www.otempo.com.br/interessa/relacionamentos-toxicos-deixam-marcas-invisiveis-1.1546286> Acesso dia 01 de Julho de 2020.

NOVELLI, Ana Beatriz, LAZZARINI, Eliana, CHATELARD, Daniela, MAESSO, Márcia. **Do amor imaginário ao amor simbólico – um percurso da transferência**. Belo Horizonte, n. 73, 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/reverso/v39n73/v39n73a03.pdf>. Acesso dia 19 de Março de 2020.

OLIVEIRA, Alda Regina Dorneles. **Amor primitivo, amor verdadeiro.** Revista Brasileira de Psicanálise, Vol. 41, Nº 4, 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbp/v41n4/v41n4a09.pdf> Acesso dia 01 de Julho de 2020.

OVÍDIO. **Metamorfoses.** In: CARVALHO, R. N. Metamorfoses em tradução. 2010, 158f. Tese (Pós-doutorado em Letras Clássicas e Vernáculas) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em <http://www.usp.br/verve/coordenadores/raimundocarvalho/rascunhos/metamorfosesovidio-raimundocarvalho.pdf> Acesso dia 16 de Junho de 2020.

PASSOS, Danielle. O amor na Psicanálise. Disponível em <http://danielepassos.com.br/o-amor-na-psicanalise/> acesso dia 18 de Julho de 2020.

PAVANI, Mariana. **Felizes para sempre: o mito do amor romântico.** Disponível em <https://www.fasdapsicanalise.com.br/felizes-para-sempre-o-mito-amor-romantico/> Acesso dia 16 de Junho de 2020.

PLATÃO, **O Banquete.** Virtual Books Online M&M. Editores Ltda. Copyright, Pará de Minas/MG, 2000/2003. Disponível em: <http://br.egroups.com/group/acropolis/> Copyright. Virtual Books Online M&M Editores Ltda, 2000/2003. Acesso dia 15 de Maio de 2020.

PIZA, Luciana; ALBERTI, Sônia. **O masoquismo erógeno como posição subjetiva original e suas implicações na vida sexual infantil.** Revista AffectioSocietatis, Vol. 10, Nº 18, 2013

RAVANELLO, Tiago, MARTINEZ, Marisa de Costa. **Sobre um Campo amoroso: um estudo do amor na teoria freudiana.** CPRJ, Rio de Janeiro, Vol 35, Nº 29, 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cadpsi/v35n29/a10.pdf> . Acesso dia 22 de Maio de 2020.

ROUDINESCO, Elisabeth, 1997. **Dicionário amoroso da psicanálise.** Tradução André Telles, 1.ed., Rio de Janeiro: Zahar, 2019.

SCHOPENHAUER, Arthur, 1788-1860. **O Mundo como Vontade e como Representação, I** tomo / Arthur Schopenhauer; tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

SIQUEIRA, Elizabete. **A Metáfora do Amor.** Nº 15, 2014. Disponível em: http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_15/A_meta_fora_do_amor.pdf. Acesso dia 13 de Maio de 2020.

SLOTERDIJK, Peter. **Esferas II.** Madrid: Siruela, 2003.

SEVERO, Charlie Trelles Severo, SORD, Rudyard Emerson. **Fixação e Regressão: Uma Revisão dos Conceitos aplicada à Prática da Psicoterapia de Orientação Analítica.** Revista Brasileira de Psicoterapia, Vol. 15, Nº 2, 2013.

TANAJURA, Sabrina. **Relacionamentos abusivos ou tóxicos: existe diferença?** Disponível em <https://nogueirense.com.br/relacionamento-abusivo-ou-toxico-existe-diferenca/> Acesso dia 30 de Junho de 2020.

KUSS, Ana SuySesarino. **Amor e Desejo: um estudo psicanalítico**. Curitiba, 2014.

Disponível em:

<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/37140/R%20-%20D%20-%20ANA%20SUY%20SEARINO%20KUSS.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso dia 03 de Maio de 2020.

OLIVEIRA, Francisca Moana A.; ÁVILA, Juliana de P.; BASTOS, Nikolas M. Carneiro; VASCOLNCELOS, Vanessa. **Romantização do Relacionamento abusivo, uma violência silenciosa: a ineficácia da lei maria da penha**. Sobral, CE. 2016.

WINTER, Célia Ferreira Carta. **O amor: esse encontro faltoso**. Psicopatologia Fundamental, 2014. Disponível em:

http://www.psicopatologiafundamental.org.br/uploads/files/posteres_iv_congresso/mesas_iv_congresso/mr56-celia-ferreira-carta-winter.pdf Acesso dia 19 de Maio de 2020.

APÊNDICES

QUESTIONÁRIO SOBRE RELACIONAMENTO ABUSIVO

1. Dados da Aplicadora	
Acadêmica	Ana Eliza Silva Capanema
Telefone	(66) 9 9927-4370
E-mail	anaelizacap@gmail.com
Redes Sociais	@anaelizacapanema

2. Informações sobre o Questionário	
Motivo	Pesquisa com fins acadêmicos para graduação em Psicologia
Título da Monografia	Psicologia e Literatura na transição do amor ideal em um relacionamento tóxico
Orientadora	Franciele Longhi

Com base em sua vivência e experiências amorosas responda as questões a seguir, levando em consideração que sua identidade será preservada, e seu depoimento auxiliará na compreensão de alguns dos motivos que conduzem as pessoas a relações tóxicas, que é o ponto central do desenvolvimento do trabalho, entender como cada indivíduo lida com a dinâmica de relacionamentos abusivos.

As leituras a seguir possibilitam uma identificação com as figuras centrais dos textos, auxiliando na percepção de que por mais doloroso que tenha sido estar dentro de um relacionamento tóxico, muitas outras pessoas passam por esta situação, não é necessário envergonhar-se, respostas fidedignas auxiliarão na obtenção de resultados reais.

Para que Ninguém a Quisesse

Porque os homens olhavam demais para a sua mulher, mandou que descesse a bainha dos vestidos e parasse de se pintar. Apesar disso, sua beleza chamava a atenção, e ele foi obrigado a exigir que eliminasse os decotes, jogasse fora os sapatos de saltos altos. Dos armários tirou as roupas de seda, da gaveta tirou todas as joias. E vendo que, ainda assim, um ou outro olhar viril se acendia à passagem dela, pegou a tesoura e tosquiou-lhe os longos cabelos.

Agora podia viver descansado. Ninguém a olhava duas vezes, homem nenhum se interessava por ela. Esquiva como um gato, não mais atravessava praças. E evitava sair.

Tão esquiva se fez, que ele foi deixando de ocupar-se dela, permitindo que fluísse em silêncio pelos cômodos, mimetizada com os móveis e as sombras.

Uma fina saudade, porém, começou a alinhar-se em seus dias. Não saudade da mulher. Mas do desejo inflamado que tivera por ela.

Então lhe trouxe um batom. No outro dia um corte de seda. À noite tirou do bolso uma rosa de cetim para enfeitar-lhe o que restava dos cabelos.

Mas ela tinha desaprendido a gostar dessas coisas, nem pensava mais em lhe agradar. Largou o tecido em uma gaveta, esqueceu o batom. E continuou andando pela casa de vestido de chita, enquanto a rosa desbotava sobre a cômoda.

(COLASANTI, Marina. “Para que ninguém a quisesse”.

In: Contos de amor rasgados. Rio de Janeiro: Rocco, 1986. p. 111-2.)

Identificação: (opcional)

Idade:

Escolaridade:

Profissão:

1. Considera ter vivido um relacionamento tóxico?

Sim

Não

2. Como denominaria sua relação?

Casamento

Namoro

Encontros casuais

Outros

3. O relacionamento perdurou por aproximadamente quanto tempo?

Até 6 meses

Até 2 anos

Até 5 anos

Mais de 10 anos

Mantém a relação atualmente

4. Quais motivos te fizeram se apaixonar e iniciar seu relacionamento?

5. Quais situações geravam desconforto em sua relação?

6. Como foi o processo para identificar seu relacionamento como tóxico?

7. Qual era a postura do seu parceiro quando confrontado a respeito de suas atitudes?

8. Qual era sua reação diante dos abusos e como se sentia quando eles ocorriam?

9. Quais motivos te levaram a permanecer em uma relação tóxica por determinado período?

10. O que te fez romper esta relação e como você lidou com isso?

11. Quais as consequências que este relacionamento acarretou em sua vida?